



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

VÍTOR MANUEL CALDAS DA CRUZ

A Eucaristia: pão partilhado - fruto da terra e do trabalho do Homem - que se torna o pão da vida

Contributos para a lecionação da Unidade Letiva "A Partilha do Pão", do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica do 6º ano

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

Braga

2020

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me alimenta;
À minha família, Lúcia, Renato e Margarida
Aos meus pais, Rosa e José, a quem tudo devo, pelo
amor, força, motivação e coragem nesta caminhada;
À minha sogra, Rosa, pelo saber na confeção do pão
Aos professores, em especial aos que me acompanharam nesta
última etapa – Professora Doutora Isabel Varanda e Dra.
Ana Veloso – pelas horas de dedicação e orientação;
À turma do 6º C, da Escola de Celeirós, que me
acolheu e com quem partilhamos saberes;
À Faculdade de Teologia da Universidade Católica
Portuguesa, com os seus professores, funcionários e colegas,
que me ajudaram e acompanharam nesta caminhada;
À minha amiga Lígia que me incentivou neste processo
E demais amigos, que nunca deixaram de acreditar;
A todos e todas que, direta ou indiretamente, se interceptaram
comigo e fizeram parte do meu percurso académico:
*O meu sincero **OBRIGADO.***

RESUMO

“O pão que nunca seja negado a ninguém.” Frase que se ouvia antigamente nas casas das pessoas mais idosas. Este está quase sempre presente em todas as refeições, e traz com ele uma enorme sabedoria popular, que vai passando de geração em geração. O processo, nos dias de hoje, é mecanizado, mas em determinadas aldeias ainda se produz com meios artesanais.

No Novo Testamento, vemos Jesus Cristo a pedir aos discípulos para também eles partilharem o pouco que há a fim de alimentar as multidões. Este gesto não é só de saciar a fome, mas por em prática tudo o que excede. Tudo é uma oferta. Jesus oferece-Se, em forma de pão, celebrando com os Seus discípulos uma Ceia e quer que a humanidade a continue a celebrar. Ele partilha o Seu Corpo.

É necessário, neste contexto, que os adolescentes ponham em prática que o pouco que têm, também esse, o podem e devem partilhar. O docente, enquanto educador, tem um papel muito importante ao alertar para esta partilha de obrigação em prol dos mais necessitados.

PALAVRAS-CHAVE: pão, provérbios, partilha, ajuda, instituições, Eucaristia, Ministros.

ABSTRACT

"Bread is never to be denied to anyone." This sentence used to be heard in older people's homes. It is also present in every meal, and carries with it lots of popular wisdom, which goes from generation to generation. The bread making process, nowadays, is mechanized but in some villages it is still artisanal.

In the New Testament, we can see Jesus Christ asking his disciples to share the little they have in order to feed the multitudes. This gesture is not only to satiate hunger, but to put into practice everything that exceeds. Everything is an offer. Jesus offers Himself as the bread, celebrating a Supper with His disciples and He wants the mankind to continue celebrating it. He shares His Body.

In this context, adolescents need to put into practice that the little they also have can and shall be shared. Teachers, as educators, have a very important role alerting to this sharing of obligation towards the most needed.

KEYWORDS: bread, proverbs, sharing, help, institutions, Eucharist, Ministers.

ABREVIATURAS

1 Cor	1 Coríntios (Bíblia)
2 Cor	2 Coríntios (Bíblia)
AA.VV.	Autores Vários
Act	Atos dos Apóstolos (Bíblia)
Cân.	Cânone
Cf.	Confer (conferir)
Coord.	Coordenação
Dt	Deuteronómio (Bíblia)
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
Ecl	Eclesiástico (Bíblia)
Ed.	Editado por
Ex	Êxodo (Bíblia)
Fil	Filipenses (Bíblia)
Gl	Gálatas (Bíblia)
Gn	Gênesis (Bíblia)
<i>Ibidem</i>	No mesmo lugar, na mesma obra
Jo	João (Bíblia)
Kg	Quilos
Lc	Lucas (Bíblia)
Lv	Levítico (Bíblia)
Mc	Marcos (Bíblia)
Mt	Mateus (Bíblia)
PES	Prática de Ensino Supervisionada
S.d.	Sem data (ano)
Tg	Tiago (Bíblia)
UC	Unidade Curricular
UL	Unidade Letiva

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	2
RESUMO	3
ABSTRACT	4
ABREVIATURAS	5
INTRODUÇÃO	8

CAPITULO I – O PÃO – FRUTO DA TERRA, DO TRABALHO E ALEGRIA

HUMANA.....	10
1. O pão tradicional, ditados populares e partilha nos dias de hoje	10
<i>1.1. A história do pão na cultura minhota</i>	10
<i>1.2. Provérbios sobre o pão</i>	17
<i>1.3. O ser humano: ser voluntário</i>	21
2. O Pão como alimento numa perspetiva judaico-cristã	27
<i>2.1. Pão ázimo</i>	27
<i>2.2. Pão com fermento</i>	28
<i>2.3. O maná</i>	29

CAPITULO II – A EUCARISTIA – PÃO DE DEUS PARA A SALVAÇÃO DO

MUNDO.....	30
1. Ato penitencial	30
2. Liturgia da Palavra	32
<i>2.1. O leitor</i>	33
<i>2.2. O sacerdote</i>	35
3. Liturgia Eucarística	38
<i>3.1. A oferenda de Jesus no sacrifício eucarístico</i>	39
<i>3.2. Jesus presente em cada um</i>	43

CAPITULO III – CONTEXTUALIZAÇÃO, PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO

DA UNIDADE LETIVA	47
1. Contexto de Intervenção da Prática de Ensino Supervisionada.....	47
<i>1.1. Caracterização do Agrupamento e da Escola</i>	<i>47</i>
<i>1.2. Caracterização da Turma</i>	<i>48</i>
2. Planificação da Unidade Letiva	49
<i>2.1. Justificação da escolha do tema.....</i>	<i>49</i>
<i>2.2. A Unidade Letiva.....</i>	<i>50</i>
<i>2.3. Observação da aula da Professora Cooperante</i>	<i>51</i>
<i>2.4. Implementação e avaliação.....</i>	<i>52</i>
2.4.1. A aula número 1 – Dimensão simbólica do pão.....	52
2.4.2. A aula número 2 – O processo do pão	54
2.4.3. A aula número 3 – Dimensão simbólica do pão.....	55
2.4.4. A aula número 4 – Reconhecer o valor da solidariedade	57
2.4.5. A aula número 5 – Partilha de bens: partilha de si	59
2.4.6. A aula número 6 – O problema da fome.....	61
2.4.7. A aula número 7 – Ficha de autoconhecimentos.....	64
3. Autoavaliação da Prática de Ensino Supervisionada	66
CONCLUSÃO.....	68
BIBLIOGRAFIA	71
ANEXOS	78

INTRODUÇÃO

“Eucaristia: pão partilhado...”. Este foi o tema da homilia da Quinta Feira Santa de 2009, do Arcebispo Primaz de Braga, D. Jorge Ortiga.¹ Todos os batizados podem e devem receber a Eucaristia, sacramento de excelência da presença de Jesus Cristo entre os homens. A Eucaristia tem o seu ponto mais alto na consagração onde o pão se torna no Corpo de Cristo. Este *pão*, é mais tarde, distribuído na Comunhão eucarística.

Jesus partilha os Seus ensinamentos, Sua doutrina, aos Apóstolos para que esta chegue até nós. Partilha, inclusive, o seu próprio Corpo quando institui a Eucaristia na Quinta-feira Santa. Jesus usa um dos alimentos mais simples, o pão, e que o ser humano o possa receber interiormente.

Todos somos responsáveis uns pelos outros; o ser humano “não deve considerar as coisas exteriores que legitimamente possui só como próprias, mas também como comuns, no sentido de que possam beneficiar não só a si, mas também os outros. De resto, todos têm o direito de ter uma parte de bens suficientes para si e suas famílias”². Este direito, infelizmente, não acontece. Inúmeras vezes as Instituições Religiosas fazem o papel que compete ao Estado.

Assim, querer partilhar, não é o suficiente. É necessário dar o primeiro passo, partilhando o pouco que possa ter, pois só partilhando todos saem beneficiados, tanto partilhando o que tenho - bens materiais - mas principalmente, o tempo. para os outros.

Através deste Relatório propõe-se um percurso em três capítulos: dois que constituem o referencial teórico acerca do tema em análise e, o terceiro, sobre a experiência letiva “A partilha do Pão”: terceira Unidade Letiva do 6º ano, do 2º Ciclo do Ensino Básico, do programa de Educação Moral e Religiosa Católica.

O primeiro capítulo, denominado *O Pão – fruto da terra, do trabalho e alegria humana* vai refletir sobre a história do pão e sua partilha. No primeiro ponto, conta-se a história do fabrico do pão de forma artesanal. Segue-se uma breve abordagem aos ditos populares – provérbios – presentes no quotidiano das pessoas. Por fim, procura-se refletir

¹ Cf. Jorge Ortiga, “Eucaristia, pão partilhado para a esperança do mundo”, consultado em 15 de agosto, 2020, <http://www.diocese-braga.pt/noticia/1/1965>.

² Concílio Ecuménico Vaticano II, *Decreto “Gaudium et Spes” sobre a Igreja no mundo actual* (7 de dezembro de 1965), (Braga: ed. Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1967), nº 69.

que todo o ser humano deve ser voluntário podendo e devendo partilhar o que tem e até, inclusive, ajudando em algumas instituições de solidariedade através de mantimentos ou proporcionando o seu tempo ao serviço dos outros. Num segundo ponto, debruçar-se-á sobre o *pão como alimento numa perspectiva judaico-cristã* em que será analisado os diferentes tipos de pão usados pelos judeus até Jesus Cristo, como o novo *maná*.

No segundo capítulo vai ser abordado o tema da *Eucaristia – pão de Deus para a salvação do mundo*. Falar da Eucaristia é falar do sacramento da entrega e de alimento que estão presente desde o início da celebração até ao seu termo, que não cessa com a *despedida da assembleia*, mas continua no dia a dia de cada um. Abordar-se-á as partes principais da eucaristia – ato penitencial, liturgia da palavra e liturgia eucarística – frisando que Jesus está presente em todas as partes através do seu *ministro* e fiéis. Para receber Cristo, presente no pão eucarístico, não basta só *chegar na hora da comunhão*; é necessária uma preparação para acolher um *hóspede* especial. É necessário abrir o coração, através da escuta da Palavra para melhor O acolher.

O último capítulo é dedicado à planificação da unidade letiva que será desenvolvida em sete aulas no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), com base na Unidade Letiva “A Partilha do Pão”. Encarando isso como uma tarefa urgente de todos os educadores – pais, docentes, sociedade – procura-se dar uma proposta que ao longo dos dias, os discentes promovam o bem comum sempre com atenção ao irmão que o rodeia. Os recursos utilizados durante a lecionação podem ser consultados em anexo. O capítulo termina com uma reflexão de toda a prática letiva.

O presente Relatório foi redigido em consonância com a Norma Chicago 16ª edição A.

CAPITULO I – O PÃO – FRUTO DA TERRA, DO TRABALHO E ALEGRIA HUMANA

Em todas as casas e em todas as mesas uma das primeiras coisas a serem colocadas numa mesa é o pão. Amália, personifica isto mesmo, numa das suas canções,³ sendo este gesto típico de “uma casa portuguesa com certeza”. Na cultura minhota, em algumas zonas, o pão, apesar do uso, cada vez mais intensivo, dos fornos industriais, ainda é cozido em fornos artesanais. Numa primeira parte, vamos abordar a forma como o pão era e é feito, em algumas casas, e numa segunda parte abordaremos o pão numa perspectiva judaico-cristã.

1. O pão tradicional, ditados populares e partilha nos dias de hoje

O pão que chega às nossas casas é um pão industrializado e que, na maioria das vezes, não se chega a saber como é confeccionado. Neste trabalho de investigação conseguimos descobrir alguém que o produz tradicionalmente, usando determinadas “rezas”, com a finalidade de o fazer desenvolver/crescer. Contamos, numa primeira parte, o modo como é feito, assim como vários provérbios que estão relacionados com a mesa e o pão. Por fim, enumeramos algumas instituições que estão vocacionadas para a eliminação da fome.

1.1. A história do pão na cultura minhota

Há alguns anos, a forma de subsistência da população rural era o trabalho no campo. Eram tempos de muita união e alegria entre as pessoas da comunidade, pois para realizar os trabalhos árduos do campo era necessária a força e interajuda de todos.

Para que a dureza do trabalho se tornasse menos pesada e monótona, as pessoas enquanto lavravam a terra (com uma junta de gado que puxava os arados) e semeavam o

³ Cf. Johnny & Orquestra Rodrigues, *Numa casa portuguesa fica bem, pão e vinho sobre a mesa*, consultado em 20 maio, 2019, <https://www.youtube.com/watch?v=Ca-LE5QINNA>.

milho, cantavam várias canções.⁴ Desta forma o tempo passava mais depressa e divertiam-se enquanto concretizavam as tarefas.

Esses grupos trabalhavam pelo frescor da madrugada, pois na hora de calor não era possível. As donas de casa, normalmente, pelo meio da manhã, levavam uma refeição (uma panela de caldo com toucinho) para que as pessoas restabelecessem forças.

Após a terra ser gradada (endireitada), o agricultor com um instrumento agrícola,⁵ deitava a semente para a terra e aguardava que esta nascesse (Cf. Jo 12,24). Quando já se via o milho fora da terra, dirigia-se ao campo para retirar as ervas daninhas e o milho em excesso (rarear). Em seguida, arrendava-se a terra, ou seja, faziam regos para a rega. Esta rega chegava a ser comunitária. As pessoas organizavam-se: faziam uma reunião após a eucaristia do domingo – era o melhor local para todos se encontrarem – e decidiam quem e quando usavam a água do rio. Mais tarde, surgiram alguns poços que para tirar água, utilizavam-se engenhos puxados pelo gado.

Quando o milho estava pronto para a colheita era cortado com foiceiras,⁶ e transportado em carro de bois, que o levavam para casa. À noite, fazia-se grandes serões para fazer a desfolhada. Reunia-se muita gente. Vinham, principalmente jovens, com o objetivo de fazerem as suas conquistas amorosas; eram momentos de grande divertimento e animação. Eles “participavam entusiasmados nas desfolhadas e sempre na esperança de encontrar milho-rei ou rainha para poder dar um beijo ou um abraço à namorada. O milho-rei é a espiga vermelha (quando a pessoa que desfolhava encontrava esta espiga tinha que dar um beijo a todas as pessoas presentes); o milho-rainha é espiga amarela (quando a espiga desfolhada era amarela essa pessoa tinha que dar um abraço a todas as pessoas)”⁷. Eram, portanto, passados alegres momentos em que terminavam com um grande lanche.

De seguida, as espigas eram colocadas nos espigueiros para serem secas através do ar do vento até serem malhadas no início do ano seguinte. Também havia famílias que optavam por malhar o milho pelo S. Miguel⁸. Este processo era realizado por dois grupos

⁴ Uma das canções que se cantava era esta: ““Labra, boi, labra; Na cha da portela! Repica, repica; Na baca amarela! Ei, boi a lavar! Ei, boi a labrar! Ei boi!”. Cf. Gonçalo Sampaio, *Cancioneiro minhoto*, (Porto: Livraria Educação Nacional, 1944), 171.

⁵ O instrumento utilizado era o semeador que tinha duas rodas, uma atrás e outra à frente, no meio tinha um recipiente onde se colocava o milho, na parte debaixo havia um buraco por onde saíam os grãos, também tinha duas rabiças, onde uma pessoa empurrava, e à frente, com um fio, outra puxava.

⁶ Também há quem lhe chame foicinhas.

⁷ Ricardo, *0304 Reina - O Milho Rei*, consultado em 23 de fevereiro, 2019, <https://www.flickr.com/photos/25347364@N06/3156728201>.

⁸ Esta festa celebra-se liturgicamente no dia 29 de setembro.

de pessoas que iam batendo nas espigas com um “mangual”⁹. Os grãos de milho eram colocados em eiras, que segundo o *Lello Escolar*, é o “terreno liso ou empedrado onde se põem a secar e se trilham ou desgranam legumes ou cereais”¹⁰, sendo mexido, várias vezes, com os pés para que a secagem fosse mais rápida. Quando o milho estava seco era todo colocado num monte e transportado para um limpador, que depois de limpo, seria guardado em grandes caixas de madeira. Quando se queria cozer o pão ia-se buscar o milho que estava guardado.

Atualmente, as coisas já são mais mecanizadas e as máquinas fazem o trabalho de várias pessoas. Os métodos tornaram-se mais industrializados e o trator com utensílios (arados, grade, malhadeira¹¹) tornaram as tarefas do campo mais leves e mais rápidas na sua realização.

Quando a pessoa queria cozer o pão levava-o a um moleiro que, normalmente, possuía um moinho, junto a um ribeiro. A água que aí passava, fazia mover um roda gigante que estava ligada à mó, triturando os grãos de milho com a finalidade de sair farinha moída. O seu pagamento era feito, em forma de “maquia”. Se o milho depois de moído dava uma rasa¹² de farinha, as pessoas levavam menos um quilo para casa; assim se pagava o serviço. Ainda há pessoas que possuem moinhos em casa, fazendo este processo, mas de forma elétrica.

A farinha, depois de moída é peneirada, para separar o farelo da mesma. Mais tarde, para dar outro sabor, pode-se juntar à farinha de milho uma porção de farinha de centeio.

Junta-se água a ferver com a farinha e envolve-se com uma pá de madeira. Depois de uma ligeira mistura, coloca-se o fermento, retirado da massa anterior, e é muito bem amassado com as mãos, rezando-se a seguinte oração: “S. Vicente te acrescente, S. Mamede te levede. S. João te faça um bom pão”. Enquanto decorre este processo de a massa ser levedada,¹³ o forno é aquecido. Este método consiste em colocar lenha dentro do referido forno a arder. Sabe-se que o forno está pronto (quente) a receber a massa,

⁹ Cf. *Dicionário Pribeteram*, consultado em 23 de fevereiro, 2019, <https://dicionario.priberam.org/mangual>. “Mangual” ou “malho” é a expressão usada para designar dois instrumentos unidos – paus - por uma correia.

¹⁰ *Lello Escolar. Novo Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*, (Porto: Lello & Irmão ed., 1980), 494.

¹¹ Também há quem lhe chame uma debulhadora.

¹² A rasa corresponde a 13 Kg.

¹³ Outro termo que também se usa é fermentada.

passados cerca de uma hora a hora e meia: o cume do mesmo começa a ficar branco. Se queremos que o forno aqueça mais rapidamente, vai-se mexendo a lenha para que ela queime mais depressa. Passado este tempo, tira-se fora toda a lenha e as brasas; limpa-se o forno muito bem e tenta-se dar forma à broa, *apadejando-a*,¹⁴ colocando-a com uma pá dentro do forno. Mais uma vez se pede a intervenção de Deus com a seguinte oração “Quem daqui comer, será farto e abastecido na graça de Deus e da Virgem Maria”. Fecha-se a porta do forno e sela-se com farinha molhada ou barro e quem tivesse animais, selava com excremento dos mesmos. Passado uma hora, geralmente, o pão está cozido.

Abre-se a porta e *acorda-se* o pão batendo com o cabo da férrea¹⁵ dizendo: “Acorda pão que vem aí o bicho papão. Vem aí S. Tomé, quer-te ver e não te vê”. O pão depois é colocado na masseira e espera-se que arrefeça. Se porventura, um pedaço de pão caía ao chão, dava-se um ósculo e colocava-se na masseira. Este ritual do ósculo ao pão também se usava à mesa, nas horas das refeições: o pão caía ao chão, apanhava-se, limpava-se, beijava-se e comia-se.

Vem de tempos antigos, os pobres receberem pão aquando da celebração do funeral de alguém. Os *doridos* oferecem pão pela alma da pessoa falecida, fazendo uma obra de misericórdia em sufrágio do ente querido: “dar de comer a quem tem fome”. Jesus diz mesmo “tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e recolheste-Me.” (Mt 25,35). Os mais pobres acorriam em grande número aos funerais, também com o objetivo de receberem o bendito alimento. Em troca faziam a obra de misericórdia espiritual de “rogar a Deus pelos vivos e defuntos”.

Este costume ultrapassou as celebrações exequiais e, em algumas localidades,¹⁶ com o passar dos tempos, faz-se no dia de Todos os Santos. A Confraria das Almas distribui o pão no final da celebração da Santa Missa do dia 1 de novembro, “Dia de Todos os Santos”, pedindo para rezar pelas Almas do Purgatório, sobretudo as mais abandonadas. Antigamente era dado pelos pobres aos pobres: “pelos pobres” porque a família via partir um ente para a eternidade, a casa encontrava-se mais vazia, mais pobre; “aos pobres” que vinham ao enterro e que ficavam com a responsabilidade de presentear com orações e sacrifícios em sufrágio das almas. Cumpre-se, então a obra de misericórdia

¹⁴ “Apadejar”, termo usado nos meios rurais que significa “dar forma à broa”.

¹⁵ Também designada por pá de ferro que era usada para tirar cinzas do forno.

¹⁶ Principalmente nas paróquias de Arga de Cima, Arga de Baixo, Arga de São João, Venade, Azevedo e Argela, do Arciprestado de Caminha, distrito de Viana do Castelo.

“rogar a Deus por vivos e defuntos”. Por isto é que se chama “Pão das Almas”, ou “Pão por Deus”. Isto consistia em que as primeiras fornadas de pão eram para dar aos mais necessitados. O pão era colocado à porta das casas coberto, com um pano, e os mais necessitados passavam e levavam para comerem, posteriormente. Este ato teve maior impacto após o terramoto de Lisboa (1755) onde os mais afetados começaram a pedir pelas casas algo de comer e então pediam “pão, por Deus”. Atualmente, esta tradição ainda se pratica pelas crianças, que na véspera do dia de “Todos os Santos” passam de porta em porta não a pedirem pão, mas um doce.¹⁷ Quando as crianças chegam a casa de alguém costumam cantar uma canção:

*“Bolinhos e bolinhos
Para mim e para vós
Para dar aos finados
Que estão mortos e enterrados*

*À bela, bela cruz
Truz, Truz!*

*A senhora que está lá dentro
Sentada num banquinho
Faz favor de s’alevantar
Para vir dar um tostãozinho”.*

Se a pessoa oferece alguma coisa, cantam esta estrofe:

*“Esta casa cheira a broa,
Aqui mora gente boa.
Esta casa cheira a vinho,
Aqui mora um santinho”.*

¹⁷ Cf. Of Portugal, *Pão Por Deus – A História de uma tradição bem Portuguesa*, consultado em 1 de março, 2019, <https://www.ofportugal.com/pao-deus-historia-tradicao-bem-portuguesa/>.

Se a pessoa não oferece nada entoam esta estrofe:

*“Esta casa cheira a alho
Aqui mora um espantalho.
Esta casa cheira a unto
Aqui mora algum defunto”*¹⁸.

Este “Pão por Deus” também é conhecido pelo “Pão de Santo António”:

“Conta-se, pois, que Frei António vivia, já famoso pelas suas pregações com a caridade, no humilde conventinho de *Santa Maria Mater Domini*, em Pádua.

Um dia, como já era costume naquela época, penosa pela pobreza, veio bater à porta do convento um pobrezinho, pedindo algo para comer. Quem o atendeu foi Frei António, que, indo à despensa, pegou no pão - alimento tão precioso naquela época, sem dúvida mais do que hoje-preparado pelo frade cozinheiro e padeiro com tanto carinho. Não foi o único pobre atendido, nem o único pão dispensado por Frei António. Facto foi que a caixa do pão, pouco antes da refeição dos frades, ficou vazia e, qual não foi o desapontamento e quase impaciência do frade cozinheiro quando, pouco tempo antes da refeição, se encontrou diante do facto consumado da falta de pão para a refeição dos co-irmãos que já estavam dirigindo-se à capela para a oração. Encontrando-se com Frei António, o frade cozinheiro manifestou-lhe a situação crítica em que se encontravam ele e seus confrades, quase na hora da refeição.

Diz-se que Santo António, sorrindo, lhe bateu nas costas dizendo: “Não se preocupe, irmão! Deus há-de providenciar! De facto, ao voltarem os frades da oração para o refeitório, a caixa estava cheia de pães, causando surpresa ao frade cozinheiro!”¹⁹.

Outro relato que também se conta refere-se a que

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ Geraldo Monteiro, *O Pão dos Pobres de Santo António - Igreja de Santo António de Lisboa à Sé*, consultado em 1 de março, 2019, <http://fratersantoantoniodelisboa.blogspot.com/2012/02/o-pao-dos-pobres-de-santo-antonio.html>.

“Uma senhora tinha sua filhinha, única, acometida de uma doença misteriosa, sem que os médicos pudessem diagnosticar para buscar uma terapia adequada. Numa das costumeiras consultas, o médico olhou para a mãe e disse-lhe: ‘A Sra. acredita em Deus?’ E prosseguiu dizendo: ‘Não estamos conseguindo descobrir o que possa ter essa criança ... Tome este remedinho. O resto está nas mãos de Deus!!!’.

Então, esta mãe saiu daquele consultório mais angustiada do que quando entrara. Voltou para casa e foi para o quarto onde tinha com veneração - relíquia de família - uma pequenina imagem de Santo António. Diante dela acendeu uma vela e, misturando à sua chama, a chama da fé - como só as mães sabem fazer, rezou:

‘Santo António! Sei que és intercessor poderoso para nós junto a Deus nosso Pai. Vê a situação desta minha filhinha que é o que de mais caro eu tenho na vida. Se intercederes junto a Deus pela cura desta minha filha, eu prometo por toda a minha vida, seguindo a tua caridade para com o próximo, no dia 13 de Junho, dia da lembrança de tua morte bendita, dar aos pobres tantos quilos de pão quantos forem os quilos do peso de minha filha’.

Dito e feito! A filha ficou boa. A mãe manteve a promessa até o fim da vida. Outras pessoas espalharam a devoção e costume também para as terças-feiras, dia do sepultamento do Santo, e até hoje perdura esta obra benemérita do ‘Pão de Santo António’.

Por isso, na bênção dos pães se diz: ‘Senhor Jesus Cristo, abençoi estes pães como abençoastes os cinco pães no deserto, para que, todos os que deles comerem, possam obter saúde da alma e do corpo, paz e harmonia na família e partilhar com os irmãos necessitados os bens recebidos de Deus!’²⁰.

Este pão, antes de ser distribuído pelas pessoas que vão à Eucaristia no dia 1 de novembro, é abençoado com uma oração própria:

“Senhor, Pai Santo, Deus eterno e todo-poderoso, abençoi este pão, pela intercessão de Santo António, que por sua pregação e exemplo

²⁰ *Ibidem.*

distribuiu o pão da vossa Palavra aos vossos fiéis. Este pão recorde aos que o comerem ou distribuírem com devoção, o pão que vosso Filho multiplicou no deserto para a multidão faminta, o Pão Eucarístico que nos dais todos os dias no mistério da Eucaristia; e fazei que este pão nos lembre o compromisso para com todos os nossos irmãos necessitados de alimento corporal e espiritual. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, pão vivo que desceu do céu, e dá vida e salvação ao mundo, na unidade do Espírito Santo. *Ámen*”²¹.

1.2. Provérbios sobre o pão

Estes provérbios foram tirados do livro “Dicionário de Provérbios”²²:

Ano de nevão, ano de pão.

Barriga cheia, companhia desfeita.

Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.

Comida feita, companhia desfeita.

Depois de servido, adeus, meu amigo.

Em tua casa não tens sardinha e, na alheia, pedes galinha.

Fruto proibido é o mais apetecido.

Galinha da minha vizinha é sempre melhor que a minha.

Homem farto não é comedor.

Muitos padeiros não fazem bom pão.

Na casa cheia depressa se faz a ceia.

O bem comido quer-se divertido.

Quem azeite mede as mãos unta.

Quem dá aos pobres empresta a Deus.

²¹ Paroquias, *Orações*, consultado em 1 de março, 2019, <http://www.paroquias.org/oracoes/?o=169>.

²² Cf. Helena Maria Quintão Duarte Silva e José Luís Quintão, *Dicionário de Provérbios. Alemão. Francês. Inglês. Português*, (Lisboa: ed. Escher 1990), 121-155.

Estes provérbios foram tirados do livro “Provérbios do Mundo”²³:

A hora de comer é a mais pequena.

Ao que tem fome dá o teu pão, mas ao triste dá-lhe o coração.

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

Grão a grão, enche a galinha o papo.

Haja fartura que a fome ninguém a atura.

Juntou-se a fome com a vontade de comer.

Mais comem os olhos que a boca.

Mata a sede à terra que ela te matará a fome.

Merenda comida, companhia desfeita.

Migalhas também são pão.

Morra Marta, morra farta.

Não desperdices nada, pois mesmo a menor migalha ainda pode
saciar um biquinho.

Não há banquete, por mais rico, em que alguém não paute mal.

Não há fome que não dê em fartura.

Não há carne sem osso, nem fruta sem caroço.

Não há prazer onde não há comer.

Nem come nem deixa comer.

Nem sempre galinha, nem sempre sardinha.

Nem só de pão vive o Homem.

O que é doce nunca amargou.

O que não mata, engorda.

O que parte e reparte, fica com a melhor parte.

O que sabe bem, ou é pecado ou engorda.

²³ Cf. Nunes dos Santos, *Provérbios do Mundo*, (Porto: ed. Menabel, s.d.).

Quando há fome, não há ruim pão.
Quando o vinho desce, as palavras sobem.
Quem bebe antes do almoço, chora depois do Sol posto.
Quem come a correr, do estômago vem a sofrer.
Quem dá o pão dá a educação.
Quem do vinho é amigo, cedo está perdido.
Quem não come por ter comido, o mal não é do perigo.
Quem não presta para comer, não presta para trabalhar.
Quem não tem farinha, não precisa de peneira.
Quem tarde vier, comerá do que trouxe.
Quem tem fome, tudo come.
Quem tem ofício não morre de fome.
Ter cara de quem comeu e não gostou.
Ter mais olhos que barriga.
Vinho em excesso, nem guarda segredo nem cumpre promessa.

Estes provérbios foram tirados do livro “Filosofia Popular”²⁴:

Quando o trigo anda pela eira, anda o pão pela amassadeira.
Quem pão e vinho compra, mostra a bolsa.
Quem, ceia e logo se vai deitar, má noite há-de passar.
Saúde come quem não tem boca grande.
Come para viver, pois não vives para comer.
Onde entra o beber sai o saber.
Nem mesa sem pão, nem exército sem capitão.

²⁴ Cf. AA.VV., *Filosofia Popular - Provérbios*, (Mem Martins: ed. Livros da Vida, 2002).

Guardado está o bocado para quem o há-de comer.

Panela que muito ferve, o sabor perde.

Não digas “desta água não beberei” nem “deste pão não comerei”.

Do livro “Da boca do povo”²⁵:

A fome não serve a lei.

A preguiça morreu de sede à beira da água.

A fome não espera pela fartura.

A capa e a merenda nunca pesaram ao pastor.

Bem mal ceia quem come de mão alheia.

Depois de cear, mil passos dar.

Do prato à boca se perde a sopa.

Deitar cedo e cedo erguer dá vontade de comer.

Guarda que comer, não guardes que fazer.

Menino farto não é comedor.

O comer e o coçar, tudo vai do começar.

Para a fome não há mais pão.

Papas me dais, para perto me mandas.

Quem não gosta não come.

Quem bem arrotta, bem almoça.

Quanto mais a gente come, mais engorda.

Quem em maio não merenda, aos finados se encomenda.

Quem não semeia não colhe.

Semeia e cria e terá mais alegria.

²⁵ Cf. Escola Preparatória de Ponte de Lima, *Da boca do Povo*, (Ponte de Lima: ed. Escola Preparatória de Ponte de Lima, 1986).

Este conjunto de provérbios, ou ditos populares, expressam a sabedoria do povo, que são inspirados na vida prática das pessoas, sendo transpostos para o dia a dia. As pessoas têm alguns provérbios tão enraizados que chegam a não fazer determinados trabalhos, ao ponto de afirmar que “não é propício” para aquela determinada atividade.

1.3. O ser humano: ser voluntário

O ser humano é essencialmente um ser em relação. É ele e todo o meio que o envolve. É a sociedade que faz o ser humano e este que faz a sociedade. Se ele é um ser em relação, não deve viver isolado, mas pôr em comum aquilo que possui. Tudo é dom de Deus. A criatura humana tem o dever de “cuidar da fragilidade das pessoas e dos povos”²⁶ como refere o Papa Francisco. Este cuidar é ir ao encontro delas como fazia a Madre Teresa de Calcutá, onde

“Os leigos pertencem, ao mesmo tempo, ao Povo de Deus e à sociedade civil: pertencem, por um lado, à nação em que nasceram, de cujos tesouros culturais participam pela educação, a cuja vida estão ligados por múltiplos laços sociais, para cujo progresso cooperam com o seu esforço nas suas profissões, cujos problemas sentem e procuram resolver como próprios; pertencem também a Cristo, porque foram regenerados na Igreja pela fé e pelo Baptismo, a fim de serem de Cristo pela renovação da vida e acção, para que em Cristo tudo seja submetido a Deus, e, enfim, Deus seja tudo em todos”²⁷.

Jesus dá um verdadeiro exemplo de partilha, de solidariedade quando distribui o alimento no deserto por uma grande multidão:

“Ao entardecer, os discípulos abeiraram-se d’Ele disseram-lhe: ‘Este sítio é deserto e a hora já é avançada; manda embora esta gente para ir às povoações comprar alimento’. Mas Jesus disse-lhes: ‘Não é preciso que vão; dai-lhes vós de comer’. ‘Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes’, responderam. ‘Trazei-mos cá’, disse Ele. E, depois de ordenar à

²⁶ Francisco, *O Evangelho da nova vida. Um apelo à renovação da Igreja*, (Amadora: ed. Nascente, 2015), 39.

²⁷ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Decreto “Ad Gentes” sobre a atividade missionária da Igreja* (7 de dezembro de 1965), (Braga: ed. Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1967), nº 21.

multidão que se sentasse na relva, tomou ou cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção; partiu, depois, os pães, deu-os aos discípulos, e estes à multidão. Todos comeram e ficaram saciados: e com o que sobejou encheram doze cestos! Ora, os que comeram eram uns cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças” (Mt 14,15-21).

Neste episódio da divisão dos pães e peixes, o que ressalta é que alguém tinha pouca coisa para tanta gente e mesmo o que tem, entrega sem estar à espera de qualquer recompensa. O rapaz dá tudo o que tem, pratica a verdadeira caridade cristã “sem discriminação de raça, condição social ou religião; não espera qualquer lucro ou agradecimento”²⁸. Antes de Jesus alimentar a multidão com os pães e os peixes, pede aos discípulos que organizem a multidão para que todos tenham alimento. No fim, é recolhido o que sobra, de modo a evitar o desperdício. Jesus quer a intervenção do ser humano, os quais, segundo Joseph Ratzinger “fazem parte três elementos: é precedido pela procura de Deus, da Sua Palavra, da orientação correcta para a vida no seu todo (...). A disposição para a partilha recíproca constitui um elemento essencial do milagre”²⁹.

O pão é um alimento de partilha e por isso o pão deve ser repartido por todas as pessoas. “Os alimentos (...), simbolizam os dons messiânicos que sustentam a comunidade e lembram que a pessoa de Jesus é o elo de união entre todos. O gesto de comer e beber simboliza, por sua vez, a gratuidade dos dons (do espírito da fraternidade)”³⁰. O ser humano que vai ao encontro de Jesus Cristo vem sempre diferente, traz sempre algo de novo.

Em várias passagens onde Jesus reparte os pães (Cf. Mc 6,30-44; Lc 9,10-17; Jo 6,1-15), também faz o mesmo com os peixes: a comunidade era piscatória o que leva o peixe a ser usado, muitas vezes. Jesus ensina, por inúmeras vezes, junto ao mar, tendo comido com os seus discípulos e usado o peixe: “Tendes o que comer?” Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado. Tomou-o, então, e comeu-o diante deles” (Lc 24,41-43). Moisés dá a comer as codornizes no deserto (Cf. Ex 16,12-13) enquanto que Jesus dá o peixe junto ao mar da Galileia, local onde vive grande parte da Sua vida.

O desenho do peixe era também utilizado como sinal secreto dos cristãos aquando das perseguições no início do cristianismo, onde este tanto aparecia nos umbrais da porta

²⁸ *Ibidem*, nº 12.

²⁹ Joseph Ratzinger, *A caminho de Jesus Cristo*, (Coimbra, ed. Tenacitas, 2006), 90.

³⁰ José de Freitas Ferreira, “O Sacramento da Eucaristia” in *Didaskalia* 27 (1997): 35.

como nas pinturas na arte paleocristã das catacumbas; era usado como “código secreto”. Para saber se uma pessoa era ou não cristã, um desenhava uma meia lua no chão e o outro completava. Daí surgia a figura de um peixe, sendo a probabilidade de não ser cristão muito baixa.³¹ Em grego diz-se *ichthus*. As letras dessa palavra dispostas verticalmente formam um acróstico: *Iesus Christos Theou Uios Soter* = Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador.

Aquilo que me sobra, não me pertence; pertence ao meu *vizinho* que não tem alimento para o dia-a-dia porque “a utilização que damos aos bens, que é o fim e a razão de ser da economia, é a origem do problema”³² e ao partilhar é que se recebe porque “só é possível darmos o que nos foi dado; razão por que as coisas nunca nos pertencem, apenas e simplesmente, a nós próprios”³³, em que muitas vezes a abundância e o mau uso de uns é a morte de outros que não têm alimento.

“Acabar com a pobreza no mundo pode parecer uma tarefa impossível de realizar. No entanto é importante que todos se sintam capazes de dar o seu contributo, aceitando que cada pessoa é um irmão, alguém que espera de nós uma ação, uma ajuda. A indiferença mata qualquer possibilidade de partilha”³⁴; pode ser difícil, mas todos devemos tentar fazer um pouco a fim de contribuirmos para minimizar as condições de vida mesmo estando rodeados de “cidades imensas que se mostram modernas, orgulhosas e até vaidosas. Cidades que oferecem numerosos prazeres e bem-estar para uma minoria feliz, mas nega-se uma casa a milhares de vizinhos e irmãos nossos, até crianças, e chamamos-lhes, elegantemente, ‘pessoas sem abrigo’”³⁵. No mundo existirão melhores condições de vida se todos tiverem habitação, ensino, assistência social, alimento.

Muito alimento não chega a ser consumido. As pessoas desperdiçam muito. Este desperdício deve-se ao facto do alimento não ser bem-acondicionado no transporte assim como nos centros de rastreio alimentares, e ao desaproveitamento nos restaurantes e casas particulares. Existe uma grande falta de respeito pelos alimentos. Desperdiça-se porque

³¹ Cf. Aleiteia, *Símbolo secreto cristão: por que o peixe?*, consultado em 28 de março, 2019, <https://pt.aleiteia.org/2017/03/27/simbolo-secreto-cristao-por-que-o-peixe/>.

³² João César das Neves, *A economia de Deus*, (Grifo: ed. S. João do Estoril, 2001), 75.

³³ Joseph Ratzinger, *A caminho de Jesus Cristo*, 120.

³⁴ Cristina Sá Carvalho (coord.), *Estou Contigo. Manual do Aluno – Educação Moral e Religiosa Católica*, (Lisboa: ed. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 110.

³⁵ Francisco, *O Evangelho da nova vida*, 124.

as pessoas acham os alimentos baratos. Se houver uma subida de preço na alimentação, o desperdício é muito menor.

Na sociedade, nos dias de hoje, há determinadas pessoas que ajudam de forma voluntária, sem esperar reconhecimento humano a minimizar os efeitos da fome, da guerra, etc. Praticar voluntariado é executar “um conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade e desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas”³⁶.

Não faltam motivos para pôr em prática o voluntariado. Todo o ser humano deve estar pronto para socorrer porque assim assume “o presente na sua situação mais marginal e angustiante”³⁷.

Ao praticar o voluntariado estamos a ser solidários com as pessoas que necessitam, estamos a ser amigos. Esta palavra “solidariedade” ainda é uma palavra que incomoda nos dias de hoje.³⁸ As pessoas devem ser valorizadas por aquilo que são e não por aquilo que possuem. Não adianta ter muitos conhecimentos se não os coloca em prática; não adianta ter muitos talentos se em vez de os colocar em prática, os enterra (Cf. Mt 25,14-30) e até aquele que possui lhe é tirado. “Aquilo que mede a perfeição das pessoas é o seu grau de caridade, e não é quantidade de dados e conhecimentos que possam acumular”³⁹.

É necessário as pessoas se unam para mais facilmente conseguirem atingir os seus fins, com uma “caridade sincera, a fim de que no seu comportamento apareça um novo laço de unidade e de solidariedade universal”⁴⁰. Esta união das pessoas vai dar origem a instituições que têm projetos, regras; não atuam de forma isolada. O voluntário pode exercer a sua ação que ao fazê-lo está, sem dúvida, a criar uma relação de aprendizagem, consigo e com os outros, mas também, uma relação solidária para com o *outro*; é uma das formas, em que cada um, pode exercer a sua cidadania, com o objetivo do bem comum.

³⁶ Direção-Geral da Educação, *Educação para o Voluntariado*, consultado em 30 de agosto, 2019, <https://www.dge.mec.pt/educacao-para-o-voluntariado>.

³⁷ Francisco, *O Evangelho da nova vida*. 39.

³⁸ Cf. Francisco, *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual* (24 de novembro de 2013), (Prior Velho: ed. Paulinas, 2013), nº 203.

³⁹ Francisco, *Exortação Apostólica “Gaudete et exultate” sobre a chamada à Santidade do mundo actual* (19 de março de 2018), (Prior Velho: ed. Paulinas, 2018), nº 37.

⁴⁰ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Decreto “Ad Gentes”*, nº 21.

O voluntário é aquele que ama o *outro* e a ele se dá, sem reparar na aparência, nem no contexto que o envolve, porque o centro, é aquela pessoa que merece toda a nossa concentração e capacidade de amar, naquele momento, naquele tempo, naquele contexto, orientando-se “pelos princípios da solidariedade, da cooperação, da gratuidade, da participação e da justiça e procura responder às necessidades e objetivos de quem solicita a sua intervenção”⁴¹.

Nos últimos dez a quinze anos surgiram imensos projetos de voluntariado, imensos grupos mobilizaram-se. Estes grupos só conseguem progredir se amarem com um dom gratuito estabelecendo determinadas características para funcionarem: “responsabilidade, a transparência e a salvaguarda da confiança são princípio inclusivos: não há responsabilidade sem transparência, a transparência gera confiança, e a confiança está ligada a uma e a outra”⁴² por isso, não deve haver motivos, para quem o deseje, de não integrar um deles. Estes grupos são comunidades de fiéis em que as pessoas se devem organizar em “associações e agrupamentos por meio dos quais o apostolado dos leigos possa penetrar do espírito evangélico toda a sociedade”⁴³. Todos os membros devem estar unidos sobre a mesma causa com os mesmos propósitos, interesses, para não terem “um desfecho semelhante ao da experiência em Babel: desfecho na confusão total e na destruição, no ódio e na violência de todos contra todos”⁴⁴.

Podemos então enumerar algumas instituições que se dedicam a servir os mais necessitados, apoiando-se no voluntariado das pessoas, na sua generosidade, que dão o seu tempo e a sua energia, e põem as suas competências ao serviço de uma instituição para que esta possa servir melhor a sociedade.

A título de exemplo temos “Bancos Alimentares”, a “Cruz Vermelha Portuguesa”, “Re-food”.

Os Bancos Alimentares⁴⁵ têm como carisma a recolha de bens, distribuição de cabazes a pessoas, comprovadamente, carenciadas. Os seus principais “valores” são as “dádivas” e a “partilha”. Um Banco Alimentar para ter alimentos recolhe-os em

⁴¹ Cristina Sá Carvalho (coord.), *Estou Contigo. Manual do Aluno*, 110.

⁴² Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Economia ao serviço do carisma e da missão. Bons administradores da multiforme graça de Deus (1Pe 4,10)*, (Prior Velho: ed. Paulinas, 2018), nº 41.

⁴³ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Decreto “Ad Gentes”*, nº 15.

⁴⁴ Joseph Ratzinger, *A caminho de Jesus Cristo*, 122.

⁴⁵ Cf. *Banco alimentar*, consultado em 4 de março, 2019, <https://www.bancoalimentar.pt>.

supermercados, nas empresas. São necessárias pessoas, disponibilizando o seu tempo, afim de se darem aos outros. Tudo que é recolhido é distribuído por inúmeras Instituições: paróquias, Conferência de S. Vicente de Paulo, Misericórdias.

A “Cruz Vermelha Portuguesa”⁴⁶ entre várias atividades, também pratica voluntariado. Os voluntários ajudam as pessoas mais idosas, e muitas vezes isoladas, tentando colocar meios para combater o isolamento; estando disponíveis através de um contato de teleassistência, dando-lhes uma palavra de conforto e esperança; podendo auxiliar em caso de uma urgência; animando um doente, contando-lhe histórias a fim de o entusiasmar para a recuperação; ajuda na reinserção de reclusos na sociedade; sensibiliza os adolescentes para os perigos do álcool e outras substâncias estupefacientes; tem protocolo com o Instituto Nacional de Emergência Médica para a formação de tripulantes de ambulâncias de socorro; recebe todo o tipo de material (roupa, material de escritório, eletrodomésticos), fazendo depois uma triagem e catalogação para acudir a casos de necessidade. Com esta atitude, os bens podem ter uma nova vida quando são reaproveitados. Esta instituição também ministra cursos de socorrismo; presta assistência no dia a dia; ajuda nas respostas a catástrofes, apoio psicológico.

Também contra o esbanjamento de produtos alimentares surgiu em Lisboa em 2011 a Re-food⁴⁷ que é uma estrutura autónoma sem fins lucrativos, trabalhando para eliminar o desperdício de alimentos, conduzida por pessoas voluntários, que recolhem alimentos, excedentes de restaurantes, supermercados, padarias, cafés, pastelarias, hotéis, etc. e entregam àqueles que precisam. Caso não fossem recolhidos, a fim de lhes dar outro rumo, certamente acabariam no lixo.

Um dos aspetos do ser humano deve ser o amor. Amamos o outro na medida em que repartimos o que temos, praticando assim a caridade porque “nem sequer o amor de Deus pode suportar este egoísmo de não repartir o pão”⁴⁸.

⁴⁶ Cf. *Cruz Vermelha Portuguesa*, consultado em 4 de março, 2019, <https://www.cruzvermelha.pt/>.

⁴⁷ Cf. *Re-food*, consultado em 5 de março, 2019, <https://www.re-food.org/pt>.

⁴⁸ Francisco, *Audiência Geral sobre as Catequeses do Pai nosso – 11- “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”* (27 de março, 2019), consultado em 2 de junho, 2019, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2019/documents/papa-francesco_20190327_udienza-generale.html.

2. O Pão como alimento numa perspetiva judaico-cristã

Na cultura hebraica, os alimentos são um presente do criador, colocados à disposição de todos os seres vivos. Os alimentos simbolizam alguma coisa. O pão acompanha todo o dia do ser humano, desde o pequeno almoço até ao jantar.

Neste subcapítulo será abordado os dois tipos de pão da cultura hebraica, assim como o maná que era recolhido diariamente para comerem aquando da longa caminhada pelo deserto.

2.1. Pão ázimo

O pão é um alimento cuja forma de confeção se foi alterando ao longo dos tempos. Nem sempre teve o mesmo aspeto, nem foi sempre feito da mesma forma, sofrendo avanços tecnológicos, verificando-se uma adaptação às novas necessidades dos consumidores e a novas ânsias do mercado. O pão é uma descoberta química, sendo “um produto obtido por cozedura no forno, feito a partir de uma massa de farinha que é aglutinada e levedada por um fermento ou outro agente semelhante”⁴⁹.

No Antigo Testamento, quando se fala em pão ázimo (pão sem fermento) refere-se ao pão que o povo comia apressadamente, para comemorar a libertação do povo:

“Nessa mesma noite comer-se-á a carne assada ao fogo com pães sem fermento e ervas amargas. Não comereis dela nada que esteja cru ou cozido em água, mas somente assado ao fogo; comê-lo-eis com a cabeça, as patas e as entranhas. Não deixareis nada para o dia seguinte e se ficar algum resto queimá-lo-eis. Quando o comerdes, tereis os rins cingidos, as sandálias nos pés e bordão na mão. Comê-lo-eis apressadamente, pois é a Páscoa do Senhor” (Ex 12,8-11), também chamado “pão da miséria” (Dt 16,3) para celebrar a libertação do povo das mãos do faraó e a passagem do Mar Vermelho (Cf Ex 14,15-31).

Este pão, ao ser feito, não tinha tempo de fermentar – daí a origem do pão sem fermento –, ele era logo amassado, enrolado e colocado a altas temperaturas, para se comido.

⁴⁹ Heinrich Eduard Jacob, *6000 anos de pão*, (Lisboa: ed. Antígona, 2003), 53.

Os pastores e os agricultores daquela época já celebravam a páscoa; era a sua festa das colheitas: estes ofereciam os primeiros cereais a Deus e comemoravam a sua festa como a festa dos Ázimos, ou a *Páscoa dos agricultores*, pois os primeiros frutos da terra eram oferecidos a Deus. Os pastores ofereciam os cordeiros, sendo designado como a *Páscoa dos pastores*; ambas, mais tarde se vieram a chamar unicamente *Páscoa*.⁵⁰

A Deus só se oferece o melhor porque sempre que “alguém quiser oferecer ao Senhor um sacrifício pacífico, quer em cumprimento de um voto, quer uma oferta voluntária, a vítima, tomada do gado graúdo ou miúdo, para ser aceite, não deve ter nenhum defeito. Não oferecereis ao Senhor um animal cego, aleijado, mutilado, que tenha verrugas, sarna ou dartros, e não o queimareis sobre o altar em honra do Senhor” (Lv 22,21-22).

2.2. Pão com fermento

O pão com fermento é a massa de pão já fermentado; usado para que o pão crescesse e que veio a ter um duplo simbolismo: um sentido positivo e um negativo. Em sentido positivo, o fermento veio dar outro sabor ao pão, sendo usado para confeccionar alimentos, como bolos e pães no tempo dos judeus. Para se comer este pão, as pessoas não podem ter pressa, pois é necessário um tempo para que o pão “fermente” e assim venha a crescer e dar sabor. Jesus usa algumas vezes este exemplo em que tal como o pão cresce com o fermento (Cf. Mt 13,33), também os cristãos O devem ter como fermento para crescer numa nova vida. “Um pouco de fermento faz fermentar toda a massa” (Gl 5,9), e se cada um deve cumprir a sua parte sendo um “bom fermento” ao por em prática a Sua Mensagem de Amor para que o mundo se torne numa extensão incontável.

No sentido negativo, os povos antigos “constatavam que o pão fermentado tinha tendência a uma degradação, a um apodrecimento mais rápido que o pão sem fermento”⁵¹. O fermento não deixa o pão ter o seu verdadeiro gosto, não é um pão que é puro deixando de ser usado nas ofertas a Deus, principalmente quando celebravam a festa da libertação de Moisés das mãos do faraó do Egito. Deus quer as coisas puras. O fermento era símbolo de corrupção, e frequentemente representava o mal e o erro. Jesus utilizou esta comparação, algumas vezes, para explicar o símbolo do mal, chegando mesmo a

⁵⁰ Cf. Herculano Alves, *Símbolos na Bíblia*, (Fátima: ed. Difusora Bíblica, 2006) 144.

⁵¹ *Ibidem*, 147.

comparar o fermento à má doutrina dos fariseus e saduceus: “fermento dos fariseus e dos saduceus” (Mt 16,6).

2.3. O maná

O maná era uma seiva que aparecia todos os dias numa planta chamada tamarisco e que alimentava o povo. O maná, ou alimento vindo do céu, é também comida para Elias quando foge de Acab e da rainha Jezabel pelo deserto durante 40 dias e 40 noites que também nos relembram “os 40 anos da peregrinação do povo de Israel pelo deserto, onde o povo comeu o maná do céu. E, como Jesus veio fundar um novo povo, vai também ao deserto ‘*durante quarenta dias*’, que equivalem a *quarenta anos*, devido ao simbolismo deste número”⁵².

Depois do povo ter sido libertado das mãos do faraó, este revolta-se contra Deus, porque não tem que comer, enquanto caminham no deserto: “Disseram-lhes ‘Porque não fomos mortos pela mão do Senhor no Egito quando estávamos sentados diante das panelas de carne e comíamos pão à vontade! Trouxeste-nos para o deserto a fim de matar à fome todo este povo’” (Ex 16,3).

Deus ouve a voz do povo e antes que Moisés interceda pelo mesmo, Ele fala com Moisés dizendo: “Vou mandar chover para vós pão do alto do céu. O povo sairá para recolher diariamente a quantidade necessária, a fim de o pôr à prova e ver se obedece ou não às Minhas ordens” (Ex 16,4). O Senhor quer que o povo recolha o alimento para cada dia.

Jesus é o novo maná, um maná superior ao de Moisés, pois os que comeram o maná no tempo de Moisés morreram, enquanto que quem come o pão que Jesus dá, esse não morrerá jamais, mas terá a vida eterna (Cf. Jo 6,30-40), quer que tenhamos o pão de cada dia; quer que pensemos no presente e peçamos ao Pai aquilo que precisamos, para cada dia, tal como dizemos na oração do Pai Nosso: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje” (Mt 6,11). Jesus não quer que peçamos só para cada um, mas para todos a fim de que “cesse ou pelo menos diminua, no mundo, o escândalo da fome e da subnutrição que padecem muitos milhões de pessoas, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento”⁵³.

⁵² *Ibidem*, 201.

⁵³ Bento XVI, *Exortação Apostólica pós-sinodal “Sacramentum Caritatis” sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e missão da Igreja* (22 de fevereiro de 2007), (Prior Velho: ed. Paulinas, 2007), nº 91.

CAPITULO II – A EUCHARISTIA – PÃO DE DEUS PARA A SALVAÇÃO DO MUNDO

Neste capítulo serão abordadas as várias partes da Eucaristia: Ato penitencial, a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística, no que concerne ao modo de estar preparados para receber o “pão eucarístico”.

1. Ato penitencial

O Ato penitencial faz parte dos Ritos iniciais da Santa Missa. É aqui que o sacerdote “convida ao acto penitencial, o qual, após uma breve pausa de silêncio”⁵⁴, momento para refletir sobre os pecados a fim de receber melhor os ensinamentos que Jesus Cristo quer transmitir. A Eucaristia é, portanto, o sacramento de excelência em que se recebe, plenamente o Corpo de Cristo; Ele está presente, faz-Se presente. Quando queremos receber alguém em nossa casa, preparamo-nos perfeitamente para bem receber, estamos ansiosos que chegue, imaginando a conversa que vamos ter. Conta-nos Pe. José Victorino de Andrade:

“uma pessoa muito especial bate à porta. Seria um escândalo não abrir e deixá-lo entrar, mas depois dessa grande vergonha e de mil desculpas ao convidado, com certeza procuraria logo arrumar tudo para não receber mais desagradáveis surpresas e ter tudo em ordem a fim de estar preparado para uma próxima visita. Entretanto, imagine que sabia que iria receber em poucos dias ou horas esse mesmo convidado especial, e deixava tudo como está, por preguiça e comodismo, recebendo o convidado com a casa naquele estado e dizendo-lhe que arrumaria depois... E começa a recebê-lo quase sempre assim [...]. Lembre-se, não se trata de um convidado ou de um hóspede qualquer, mas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Com muitíssimo maior cuidado, pureza e reta consciência, eu devo recebê-lo na minha alma...”⁵⁵.

⁵⁴ Secretariado Nacional da Liturgia, *Instrução Geral do Missal Romano*, consultado em 12 de junho, 2019, http://www.liturgia.pt/docs/igmr_index.php, nº 51.

⁵⁵ José Victorino de Andrade, *Será que podemos comungar em pecado mortal?*, consultado em 28 de junho, 2019, https://aportesdaigreja.com/2018/11/05/sera-que-podemos-comungar-em-pecado-mortal/?fbclid=IwAR1oKRNOoluLnsyk41utqj4K0pyS49ud7apDPddvfl_Qu1DbVDM62QEhBo#_ftn5.

A desarrumação a que nos referimos não é à edificação, mas à consciência de quem O recebe. A Liturgia eucarística, em que recebemos Cristo, quer que as pessoas estejam bem preparadas para O receber.

O ser humano é um ser frágil, que peca; mas tem consciência do erro e deve assumir as suas culpas. Quando isto acontece, logo que possível, deve reconciliar-se com Deus, através da confissão e, sendo falha grave, logo que possível, deve procurar o Sacramento da Reconciliação ou da Penitência antes de receber plenamente o Sacramento da Eucaristia, como refere S. João Paulo II, “o cristão tem na consciência o peso dum pecado grave, então o itinerário da penitência através do sacramento da Reconciliação torna-se caminho obrigatório para se abeirar e participar plenamente do sacrifício eucarístico”⁵⁶. Cada pessoa ao longo da sua vida deve ser responsável pelos seus erros; a carne é fraca (Cf. Mt 26,41), mas o espírito deve ser forte. Um indivíduo que está em pecado, está em rutura com a humanidade, como refere o Papa emérito Bento XVI que “o pecado nunca é uma realidade exclusivamente individual, mas inclui sempre também uma ferida no seio da comunidade eclesial”⁵⁷. E como voltarmos novamente para o Pai?

Jesus veio ao mundo para nos salvar; e o sacerdote, como intermediário, deve ministrar os sacramentos a todos os fiéis que assim o desejem. Para receber Jesus na Eucaristia, o cristão tem que estar bem preparado, e sendo

“necessário que cada um se examine a si mesmo em profundidade para que, quem seja consciente de estar em pecado grave, não celebre a Missa nem comungue o Corpo do Senhor sem recorrer antes à confissão sacramental, a não ser que ocorra um motivo grave e não haja oportunidade de confessar-se; neste caso, lembre-se que está obrigado a fazer um ato de contrição perfeita, que inclua o propósito de se confessar o quanto antes possível”⁵⁸.

⁵⁶ João Paulo II, *Carta Encíclica “Ecclesia de Eucharistia” sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja* (17 de abril de 2003), (Braga: ed. Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2003), nº 37.

⁵⁷ Bento XVI, *Exortação Apostólica pós-sinodal “Sacramentum Caritatis”*, nº 11.

⁵⁸ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Instrução “Redemptionis Sacramentum”, sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia* (25 de março de 2004), nº 81, consultado em 31 de maio de 2019, http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20040423_redemptionis-sacramentum_po.html; *Código do Direito Canónico*, (Braga: ed. Apostolado da Oração, 1983), cân. 916.

No decorrer da celebração, várias vezes, está patente a dimensão penitencial: ela está no início da celebração com o ato penitencial, como já referimos, mas também no canto da *Gloria*, no canto do *Agnus Dei*, durante a fração do pão, e na oração que é dirigida ao Pai antes da Comunhão. Muitas vezes, ouvimos as pessoas dizerem que não têm pecados e na Eucaristia afirmam o contrário, quando oram: “Confesso (...) a vós irmãos, que pequei por muitas vezes”⁵⁹. O ser humano antes de participar neste sacramento deve refletir as suas faltas, só assim somos verdadeiros perante Deus, e não devemos levar nada ao altar se não estivermos reconciliados com o nosso irmão (Cf. Mt 5,23-24).

O Papa Francisco, numa das suas catequese sobre a eucaristia, diz mesmo que o importante não é fazer o mal mas

“é necessário escolher fazer o bem aproveitando as ocasiões para dar bom testemunho de que somos discípulos de Jesus. É bom frisar que confessamos tanto a Deus como aos irmãos, que somos pecadores: isto ajuda-nos a compreender a dimensão do pecado que, enquanto nos separa de Deus, também nos divide dos nossos irmãos, e vice-versa. O pecado corta: corta a relação com Deus e com os irmãos, corta a relação na família, na sociedade e na comunidade: o pecado corta sempre, separa, divide”⁶⁰.

De nada adianta não praticar o mal se não fizermos o bem ao nosso irmão que se encontra a nosso lado, pois é com o amor que somos testemunhas de Jesus.

2. Liturgia da Palavra

Uma das grandes partes da celebração eucarística é a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística, que falaremos mais à frente. A Liturgia da Palavra

“comporta ‘os escritos dos Profetas’, quer dizer, o Antigo Testamento, e ‘as Memórias dos Apóstolos’ ou seja, as suas epístolas e os evangelhos. Depois da homilia, que é uma exortação a acolher esta Palavra como o que

⁵⁹ De referir que esta fórmula da confissão está sempre na primeira pessoa do singular e os verbos estão no presente do indicativo, o qual se conclui que o homem como ser frágil que é, peca.

⁶⁰ Francisco, *Audiência Geral* (3 de janeiro de 2018), consultado em 28 de maio de 2019, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2018/documents/papa-francesco_20180103_udienza-generale.html.

ela é na realidade, Palavra de Deus, e a põ-la em prática, vêm as intercessões por todos os homens, segundo a palavra do Apóstolo: ‘Recomendo, antes de tudo, que se façam preces, orações, súplicas e acções de graças, por todos os homens, pelos reis e por todos os que exercem autoridade’ (1 Tm 2, 1-2)”⁶¹.

Esta primeira parte da celebração centra-se, sobretudo, no ambão é onde é proferida a Palavra de Deus. Este local deve ser simples, mas digno pois o que lá se vai transmitir é a Palavra do Senhor, tal como dizemos no final de cada leitura da Santa Missa.

A Palavra de Deus é proclamada na Eucaristia pelo leitor e sacerdote.

2.1. O leitor

O ser humano utiliza a palavra como um dos meios para comunicar. Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, utiliza todos os instrumentos que tem para comunicar. Ele mesmo é a Palavra do Pai que veio ao mundo. Um dos locais onde podemos e devemos escutar a Sua Palavra é a Santa Missa. Esta Palavra, lida, deve ter cuidados especiais de preparação. Não deve ser uma preparação momentânea, mas vivida ao longo da semana.

“A isso nos prepara a leitura pessoal das sagradas Escrituras, em tempos e ocasiões programadas, e não nos eventuais tempos que sobram. E para que quanto se ouviu na celebração eucarística não desapareça da mente e do coração ao deixar a igreja, há que encontrar maneiras de prolongar a escuta de Deus, que nos faz ouvir a sua voz de muitas maneiras, através das circunstâncias da vida quotidiana”⁶².

A liturgia da palavra deve ser escutada com profunda veneração e respeito, como sendo Deus que fala, pois no fim da referida leitura dizemos “Palavra do Senhor”.

A nossa posição deve ser sentados⁶³ num sinal de escuta. Através desta palavra, Deus mostra-Se; só O conhecemos através das Suas ações e Seus ensinamentos, sendo

⁶¹ *Catecismo da Igreja Católica* (Coimbra: ed. Gráfica de Coimbra, 1999), n.º 1349.

⁶² Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Ano da Eucaristia. Sugestões e Propostas*, (Prior Velho: ed. Paulinas, 2004), nº 21.

⁶³ Durante a celebração eucarística há três posições que a assembleia deve adotar: *de pé* (cântico da entrada até à oração da coleta, no Evangelho, durante a profissão de fé e a oração universal, e desde a

que o mais importante não é conhecer o Seu ensinamento, como faziam os fariseus, mas pô-lo em prática no dia a dia. “Somente a Palavra de Deus tem esta capacidade de nos transformar positivamente a partir de dentro, das nossas raízes mais profundas. A Palavra de Deus tem este poder. [...] A Palavra de Deus que recebemos da mãe Igreja transformamos, tornando a nossa humanidade palpitante, não segundo a mundanidade a carne, mas segundo o espírito”⁶⁴.

Recentemente, o Papa Francisco referiu que “as páginas da Bíblia deixam de ser um escrito, para se tornar Palavra viva, pronunciada por Deus. É Deus quem, através da pessoa que lê, nos fala e nos interpela, a nós que ouvimos com fé”⁶⁵. Este anúncio deve ser feito por leitores. Estes podem possuir o ministério instituído, estando ao serviço da Palavra, ou do ministério confiado, maior parte das vezes, que são as pessoas que são escolhidas para exercer esse serviço para aquela eucaristia. Os leitores devem fazer uma preparação prévia, isto é, saber o que vão ler pausadamente, com voz clara e firme sem tremer, não sendo locutores que relatam factos ou transmitem conhecimentos.

A liturgia da palavra é uma parte essencial de qualquer celebração, é lá que estão “as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as acções e os sinais”⁶⁶ da Sagrada Escritura e onde se expõe de forma mais bela “os tesouros da Bíblia”⁶⁷. Ela só tem sentido na medida em que esta reevangeliza toda a assembleia para aquilo que Cristo nos diz e mediante a escuta para a experiência da Sua dádiva no amor por nós.

Lima Junior refere na sua obra sobre a Eucaristia que “a Palavra de Deus, proclamada na Liturgia, é mais do que uma instrução ou informação. É a própria presença salvífica e transformante de Jesus Ressuscitado no meio dos Seus. Ele representa um

oração das oblatas até ao final da Missa); *sentados*: (as leituras, a homilia e a preparação dos dons para o ofertório); e de *joelhos* (Consagração). O silêncio, não sendo uma *posição*, é muito importante numa celebração pois faz-nos interiorizar, dependendo dos momentos. Por exemplo, no ato penitencial (recolhimento), a seguir às leituras e homilia (meditação) e depois da comunhão (agradecimento).

⁶⁴ Francisco, *O Evangelho da nova vida*, 109.

⁶⁵ Francisco, *Audiência Geral* (31 de janeiro de 2018), consultado em 28 de maio de 2019, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180131_udienza-generale.html.

⁶⁶ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Conciliar “Sacrosanctum Concilium” sobre a Sagrada Liturgia*, (4 de dezembro de 1963), (Braga: ed. Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1967), nº 24.

⁶⁷ *Ibidem*, nº 51.

grande acontecimento: o encontro de Deus com o Seu povo”⁶⁸. O leitor, como interveniente, além de ler bem deve também ter uma vida com aquilo que vai ler. O Papa, emérito, Bento XVI,⁶⁹ sugere que principalmente nas celebrações litúrgicas dominicais, deve existir uma breve introdução à leitura, como é feito nas grandes peregrinações, criando uma preparação para melhor interiorizar a Palavra de Deus: “Sede cumpridores da palavra e não apenas ouvintes, enganando-vos a vós próprios” (Tg 1, 22).

2.2. O sacerdote

Uma das missões do sacerdote é explicar a Palavra de Deus “com o poder de interpelar que provém da sua participação na consagração e na missão do próprio Verbo de Deus encarnado”⁷⁰. Também são portadores da mensagem de Deus e este serviço exige ao longo dos tempos uma total dedicação e entrega à missão que lhes é confiada, porque a fé nasce da Palavra de Deus. Jesus mesmo disse: “‘Todo aquele que ouviu e aprendeu do Pai, vem a Mim’” (Jo 6,45) e noutra passagem “‘Felizes os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática’” (Lc 11,28). Jesus quer que quando ouvimos a Sua palavra estejamos totalmente concentrados e que nos abstraíamos de tudo o resto (Cf. Lc 10,38-42).

A celebração da missa é comunitária. Deve, portanto, haver um diálogo entre o sacerdote e a assembleia. Os textos devem ser ditos em voz alta, com tons de voz diferentes, consoante se trate de uma leitura, oração, aclamação. Devido à grande variedade de fiéis nas assembleias, principalmente nas grandes assembleias internacionais, deve-se usar algumas partes o latim.⁷¹

O Evangelho é proclamado pelo sacerdote ou diácono e deve ser escutado de pé:

“na Missa não lemos o Evangelho para saber o que aconteceu, mas ouvimos o Evangelho para tomar consciência do que fez e disse Jesus outrora; e aquela Palavra é viva, a Palavra de Jesus que está no Evangelho é viva e chega ao meu coração. Por isso, ouvir o Evangelho é muito importante, com o coração aberto, porque é Palavra viva. (...) Nós

⁶⁸ Joliano de Lima Junior, *A Eucaristia que celebramos*, (Lisboa: ed. Paulistas, 1982), 47.

⁶⁹ Cf. Bento XVI, *Exortação Apostólica pós-sinodal “Sacramentum Caritatis”*, nº 45.

⁷⁰ Congregação para o Clero, *O Presbítero. Mestre da Palavra, Ministro dos Sacramentos e guia da comunidade, em vista do terceiro milénio*, (Lisboa: ed. Paulinas, 1999), 20.

⁷¹ Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Conciliar “Sacrosanctum Concilium”*, nº 54.

ouvimos o Evangelho e devemos dar uma resposta na nossa vida. (...) A Palavra do Senhor entra pelos ouvidos, vai ao coração e chega às mãos, às boas obras”⁷².

O Evangelho é o ponto central do diálogo para a salvação entre Deus e o seu povo ao longo da história: “Se permanecerdes na Minha palavra, sereis verdadeiramente Meus discípulos, conhecereis a verdade, e a verdade libertar-vos-á” (Jo 8,31-32), diz Jesus aos judeus que tinham acreditado n’Ele. Não há melhor *verdade* do que confiar na Mensagem de Jesus Cristo que está sempre atualizada como refere o Papa emérito Bento XVI “Cristo não fala no passado mas no nosso presente, dado que Ele está presente na acção litúrgica. Neste contexto sacramental da revelação cristã, o conhecimento e estudo da Palavra de Deus permitem-nos apreciar, celebrar e viver melhor a Eucaristia”⁷³.

A Homilia, ou conversa familiar, deve ser feita todos os domingos e dias festivos ou quando há um grande número de fiéis que vão à missa, não como rotina, mas como exigência da sua fé e fidelidade ao seu Senhor. Ela “anda de mãos dadas com a beleza e o bem. Não se trata de verdades abstractas ou de silogismos frios, porque se comunica também a beleza das imagens que o Senhor utilizava para incentivar a prática do bem”⁷⁴, servindo para fazer a ligação entre a palavra anunciada e a comemoração da Ceia do Senhor. A atualidade do Evangelho só é demonstrada se houver uma preparação prévia daquilo que se vai dizer, como nos diz S. Paulo na Carta aos Coríntios: “não nos pregamos a nós próprios, mas a Cristo Jesus, o Senhor: e nós não somos senão vossos servos, por amor de Jesus” (2 Cor 4,5), portanto o sacerdote deve conhecer “o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus e também onde é que este diálogo de amor foi sufocado ou não pôde dar fruto.”⁷⁵ Para isso, o sacerdote deve estar atento aos comportamentos da assembleia, e tentar captar a sua atenção pois aquilo que ele partilha “uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento”⁷⁶.

A interpretação do texto bíblico tem que ser paciente e feita com uma total dedicação. O sacerdote não pode usar o texto para aquilo que ele quer dizer mas ver o que

⁷² Francisco, *Audiência Geral* (7 de fevereiro de 2018), consultado em 7 de junho, 2019, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180207_udienza-generale.html.

⁷³ Bento XVI, *Exortação Apostólica pós-sinodal “Sacramentum Caritatis”*, nº 45.

⁷⁴ Francisco, *Exortação Apostólica “Evangelii gaudium”*, nº 142.

⁷⁵ *Ibidem*, nº 137; Cf. Congregação para o Clero, *O Presbítero. Mestre da Palavra*, 25.

⁷⁶ Francisco, *Exortação Apostólica “Evangelii gaudium”*, nº 135.

o texto quer ensinar, como refere o Papa Francisco: “foi escrito para consolar, não deveria ser utilizado para corrigir erros; se foi escrito para exortar, não deveria ser utilizado para instruir; se foi escrito para ensinar algo sobre Deus, não deveria ser utilizado para explicar várias opiniões teológicas; se foi escrito para levar ao louvor ou ao serviço missionário, não o utilizemos para informar sobre as últimas notícias”⁷⁷. Para uma melhor preparação, o Papa Francisco na sua Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*”, sugere algumas perguntas para uma melhor preparação “‘Senhor, a *mim* que me diz este texto? Com esta mensagem, que quereis mudar na minha vida? Que é que me dá fastídio neste texto? Porque é que isto não me interessa?’; ou então: ‘De que gosto? Em que me estimula esta Palavra? Que me atrai? E porque me atrai?’”⁷⁸ Estas questões podem não trazer respostas imediatas e levar a pensar se o sacerdote deve ou não pronunciar na homilia, pois é um ser humano e também tem deceções, por isso deve “abeirar da Palavra com o coração dócil e orante”⁷⁹, assim o Espírito Santo falará por ele.

A homilia é feita a seguir ao Evangelho, a sua fonte essencial deve ser a Sagrada Escritura; é lá que se encontra a história da salvação da humanidade. O ministro ordenado, para uma melhor compreensão pode e deve recorrer aos escritos dos Padres da Igreja que “ensinam a penetrar e a fazer compreender a outros o sentido da Palavra revelada, longe de toda forma de ‘fundamentalismo bíblico’ ou de mutilação da mensagem divina”⁸⁰. O exemplo de vida dos santos pode ser também um bom motivo para melhor compreender e colocar em prática a mensagem anunciada.

O sacerdote tem que ter muito cuidado com os aspetos formais da pregação. A sociedade que nos rodeia tem vários meios de chegar ao anúncio da Palavra do Senhor. A Igreja tem de se atualizar para acompanhar a evolução da sociedade. Quando se evangeliza, temos os meios à nossa medida, devemos utilizá-los. Não é um processo de cada um mas

“é um processo comunitário; logo, de responsabilidade de todo o corpo eclesial, onde cada sujeito é convidado a contribuir com a narração de sua experiência de Deus, com seu testemunho. Esta experiência só é plena, quando integrada numa comunidade eclesial que aprende, celebra, vive e

⁷⁷ *Ibidem*, nº 147.

⁷⁸ *Ibidem*, nº 153.

⁷⁹ João Paulo II, *Exortação Apostólica pós-sinodal “Pastores dabo vobis” sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias actuais* (25 de março de 1992), (Lisboa: ed. Rei dos Livros, 1992), nº 26.

⁸⁰ Congregação para o Clero, *O Presbítero. Mestre da Palavra*, 26.

reza (Cf. Act 2, 42-47). (...) A recepção da tradição dá um significado novo às experiências pessoais, relidas a partir do acontecimento fundamental, o evento Jesus Cristo”⁸¹.

Um dos meios que temos ao dispor é a Internet. O indivíduo é que coloca as coisas na rede, depois pode facilmente consultar. Esta consulta deve ser hermenêutica. Ao comunicar temos que ter em atenção vários fatores: tempo, espaço, sujeitos, linguagem. A fé cristã não se pode resumir a um suporte digital, tem um fim específico: a transmissão da Palavra de Deus. A Internet tem “antes a capacidade de ser o catalisador positivo, porque (...) pode potenciar processos de transmissão, ao ser o meio dominante”⁸².

Ao povo, assembleia, só é pedido que ouça a palavra e se comprometa com ela mesma porque “Deus, quando comunica a sua Palavra, espera a nossa resposta: resposta que Cristo já deu por nós com o seu ‘Amen’ (Cf. 2 Cor 1,20-22), e que o Espírito Santo faz ressoar em nós, de modo que a palavra ouvida comprometa profundamente a nossa vida”⁸³.

3. Liturgia Eucarística

A segunda grande parte da Eucaristia começa com o Ofertório e vai terminar com a oração do rito da comunhão. Tal como vimos, anteriormente, a primeira parte centra-se no ambão; esta vai-se centrar no altar, Mesa Eucarística, onde Jesus Cristo institui a Eucaristia. O altar “representa os dois aspectos do mesmo mistério: o altar do sacrifício e a mesa do Senhor, tanto mais que o altar cristão é símbolo do próprio Cristo, presente no meio da assembleia dos seus fiéis, ao mesmo tempo como vítima oferecida para nossa reconciliação e como alimento celeste que se nos dá”⁸⁴.

Cristo quando se oferece fá-lo da Sua própria iniciativa e quer que as pessoas olhem para Ele como o Salvador para que tenham a vida em abundância (Cf. Jo 10,10).

Nesta parte, trataremos a presença de Jesus no sacrifício da eucaristia e posteriormente como é que os fiéis podem receber Jesus Cristo.

⁸¹ Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, “A Educação Cristã na Web. Uma reflexão teológico-prática”, in *Revista Eclesiástica Brasileira*, 76, 1 (2016): 877.

⁸² *Ibidem*, 878.

⁸³ João Paulo II, *Carta Apostólica “Dies Domini” sobre a santificação do Domingo* (31 de maio de 1998), (Lisboa: ed. Paulinas, 1998), nº 41.

⁸⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 1383.

3.1. A oferenda de Jesus no sacrifício eucarístico

O Filho do Homem, personagem divina, tomou a natureza humana quando Encarnou no seio de Maria; uma natureza humana que sofre, chora, alimenta-se e chega a morrer para *cumprir* a vontade do Pai a fim de fomentar a fraternidade e para tal Jesus faz com a humanidade uma Aliança. Não é uma aliança entre duas partes, é um “dom meramente de Deus que nos deixa a herança o Seu amor, nos deixa a Si mesmo. E com certeza Ele, superando toda a distância através deste dom do Seu amor, torna-nos depois verdadeiramente Seus ‘parceiros’ e realiza-se o mistério nupcial do amor”⁸⁵.

A Sua morte é a prova maior do amor de Deus para com a humanidade, pois entrega o Seu Filho para nos redimir do pecado. Ele antecipa-se à comemoração da páscoa judaica, faz uma ceia com os seus amigos mais próximos, como refere Bento XVI, “uma Ceia que não pertencia a nenhum rito judaico determinado, mas era a sua despedida, na qual Ele deu algum novo, isto é, Se deu a Si mesmo como o verdadeiro Cordeiro, instituindo assim a *sua* Páscoa”⁸⁶.

Jesus quer também tornar-se corpóreo entre nós. Ele quer que nós o tenhamos sempre presente e como sinal de festa e de vida na mentalidade bíblica, o pão simboliza aquilo que é essencial à vida.

O Mestre várias vezes foi comer a casa dos pecadores, publicanos, fariseus. Agora é Ele que chama os seus amigos mais próximos, seus discípulos, e lhes dá de comer “No primeiro dia dos ázimos, quando se sacrificava a Páscoa, os discípulos perguntaram-lhe: ‘Onde queres que façamos os preparativos para a Páscoa?’ Enviou, então, dois dos Seus discípulos e disse-lhes: ‘Ide à cidade e lá encontrareis um homem com uma bilha de água. Segui-o.’ (...) Chegada a tarde, foi com os Doze” (Mc 14, 12-13.17).

As narrações do Novo Testamento (Lc 22,17-20; 1Cor 11,23-25; Mc 14,22-24; Mt 26,26-28) descrevem as ações de Jesus, “sintetizados em nove verbos: 1) tomou o pão 2) deu graças 3) partiu-o 4) deu-o 5) dizendo.. 6) tomou o cálice; 7) deu graças; 8) deu-o; 9) dizendo...”⁸⁷. Jesus agradece, seguindo todo o ritual antigo da experiência exodal com a exceção do ritmo que é dado. Aquando da libertação do povo do Egito, a refeição era feita à pressa, de rins cingidos, bastão na mão e feita de pé (Cf. Ex 12,11); aqui com

⁸⁵ Bento XVI, *Quaresma e Páscoa*, (Lisboa: ed. Paulus, 2013), 200.

⁸⁶ Bento XVI, *Jesus de Nazaré. Parte II – Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, (Cascais, ed. Princípia, 2011), 99.

⁸⁷ Joaquim Félix Carvalho, “Sacramentalidade da fé e simbólica eucarística”, in *Theologica*, 43, (2008): 102.

Jesus, os apóstolos estão tranquilos “todos estão reclinados a maneira de homens livres e não na condição de escravos, sem pressa, com todo o tempo do mundo pois a vida está aí para ser dada”⁸⁸ por Aquele que está ao seu lado.

Todos os evangelistas (Cf. Mt 26,17-30; Mc 14,12-26; Lc 22,7-39), com a exceção de João, nos relatam a instituição da eucaristia. S. João conta-nos uma passagem de serviço, humildade: o chamado lava-pés (Cf. Jo 13,1-11), um gesto em que não passa pela cabeça de ninguém: Jesus ajoelhar-se para lavar os pés aos doze. Este gesto era o gesto “mais baixo” daquele tempo em que era confiado aos escravos. A eucaristia está “de acordo com as duas correntes ou tradições semelhantes no essencial, mas diferentes em detalhes significativos”⁸⁹.

Jesus Cristo surpreende-nos, pois, quer ficar presente em nós e no nosso meio, ou melhor, quer fazer-Se nosso, escolhe o alimento mais básico da alimentação, o pão, como sinal do Seu Corpo. Ele espera “aquele momento que deveria ser, de algum modo, as verdadeiras núpcias messiânicas: a transformação dos dons desta terra e o que fazer-Se um só com os Seus, para os transformar e inaugurar assim a transformação do mundo”⁹⁰. Este gesto é para nos alimentar sacramentalmente.

Todas as núpcias simbolizam alegria, e como dizia D. Nuno Brás, bispo do Funchal na homilia da Ceia do Senhor, que

“Jesus identifica-se com o pão e com a taça de vinho. Mas como pode tal acontecer? Quem é Aquele que se identifica com o pão e o vinho? Certamente: o Jesus que pronuncia estas palavras e realiza estes gestos é Aquele que os Doze tinham acompanhado ao longo dos anos nas caminhadas da Galileia e da Judeia, em particular nas suas refeições com os pecadores. Mas esse Jesus seria apenas uma memória, uma recordação, uma narração distante, não uma identificação, uma realidade”⁹¹.

Jesus escolhe estes dois sinais – pão e vinho – para ficar eternamente presente no mundo de forma corpórea.

⁸⁸ José Carlos Carvalho, “Fontes Bíblicas da Eucaristia”, in *Theologica*, 43, (2008): 21.

⁸⁹ Joaquim Carreira das Neves, “A Eucaristia no contexto do mistério pascal de Jesus”, in *Theologica*, 34, (1999): 305.

⁹⁰ Bento XVI, *Quaresma e Páscoa*, 208.

⁹¹ Nuno Brás, *Homilia do Bispo do Funchal, na Missa da Ceia do Senhor no dia 19 de Abril de 2019*, consultado em 01 de maio, 2019, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/homilia-do-bispo-do-funchal-na-missa-da-ceia-do-senhor/>.

O vinho é essencial para um prato festivo. Ele acrescenta à comida aquela nota de alegria; pois o homem não vive só de pão, mas também do suco da uva: “O vinho é como a vida para os homens, se o beberdes moderadamente. Que vida é a do homem a quem falta o vinho? Desde o princípio foi criado para dar alegria. Alegria do coração e júbilo da alma é o vinho bebido a seu tempo e moderadamente” (Ecl 31,27-28).

Jesus vai buscar as coisas naturais, pois toda a natureza é dádiva de Deus. O pão é cultivado por trabalhadores que lavraram, semearam, ceifaram, malharam, moeram e amassaram. O vinho que foi escavado no terreno pedregoso, podado, sulfatado tem várias utilizações. No tempo de Jesus, este é utilizado pelo Bom Samaritano perante o homem que encontra na estrada: “cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho” (Lc 10,34); também tem efeito analgésico tendo sido dado a Jesus ao qual Ele recusou pouco antes da Sua crucifixão (Cf. Mc 15,23). O vinho também era tido como bebida dos deuses, das religiões pagãs, como por exemplo Dionísio, deus grego do vinho.⁹² Este poderá ter sido um motivo em que “Jesus fará a associação do vinho com o seu Sangue, na Última Ceia. É também para significar o vinho como símbolo do divino e da imortalidade”⁹³.

Na igreja ocidental utiliza-se o pão ázimo⁹⁴ que também era utilizado no Antigo Testamento em todos os sacrifícios (Cf. Ex 23,18; 34,25). A Igreja do Oriente, em contrapartida, usa o pão fermentado porque o pão ázimo “é símbolo do corpo sem alma (...). Somente o pão fermentado é que é pão vivo ..., só ele pode constituir, no sacramento da Eucaristia, um sinal do Cristo vivo”⁹⁵. Porém, celebrar a Eucaristia com um ou outro determinado tipo de pão, não põe em causa a validade do sacramento.

A palavra dita sobre o pão, pronunciada pelo sacerdote, ou melhor, “*coloca a sua boca e a sua voz à disposição d’Aquele que as pronunciou no Cenáculo* e quis que fossem repetidas de geração em geração por todos aqueles que, na Igreja, participam ministerialmente do seu sacerdócio”⁹⁶ ao afirmar “isto é o meu corpo” tem um efeito transubstancial onde

“as espécies do pão e do vinho tomam nova significação e nova finalidade, deixando de pertencer a um pão usual e a uma bebida usual, para se

⁹² Cf. Daniela Diana, *Deus Dionísio*, consultado em 12 de julho, 2019, <https://www.todamateria.com.br/deus-dionisio/>.

⁹³ Herculano Alves, *Símbolos na Bíblia*, 432. O mesmo autor também nos diz que o vinho aparece 443 vezes e o pão 400.

⁹⁴ Cf. Secretariado Nacional da Liturgia, *Instrução Geral do Missal Romano*, nº 320; Cf. *Código do Direito Canónico*, , cân. 926.

⁹⁵ José Saraiva Martins, *Eucaristia*, (Lisboa: ed. Universidade Católica, 2002), 84.

⁹⁶ João Paulo II, *Carta Encíclica “Ecclesia de Eucharistia”*, nº 5.

tornarem sinal de coisa sagrada e sinal de alimento espiritual; mas só adquirem nova significação e nova finalidade por conterem nova ‘realidade’, a que chamamos com razão ‘ontológica’. Com efeito, sob as ditas espécies já não há o que havia anteriormente, mas outra coisa completamente diversa: isto não só porque assim julga a fé da Igreja, mas porque é uma realidade objetiva, pois, convertida a substância ou natureza do pão e do vinho, no Corpo e no Sangue de Cristo, nada fica do pão e do vinho, além das espécies; debaixo destas, está Cristo completo, presente na sua ‘realidade’ física, mesmo corporalmente, se bem que não do mesmo modo como os corpos se encontram presentes localmente”⁹⁷.

Ao ser-nos dado em forma de pão, há uma entrega de Jesus à humanidade, uma oferta porque é um dom; Jesus entrega-Se sem esperar nada em troca.

O ser humano, devido à sua finitude, nunca irá conseguir perceber o mistério desta transformação porque vai observar sempre pão e sempre vinho. Esta transformação é obra de Deus, tal como refere o Cardeal José Saraiva Martins: “Isso é obra de Deus. Do seu infinito poder. Somente Ele, que pôde fazer do nada aquilo que não existia, pode mudar as coisas que existem naquilo que não eram”⁹⁸. Esta transformação podemos observá-la durante toda a vida de Jesus com maior destaque na Sua Paixão onde a transforma não em sentimento de revolta - chegando a pedir ao Pai que perdoe os soldados que o crucificam (Cf. Lc 23,34), embora os soldados soubessem perfeitamente o que estavam a fazer pois até se divertiam a bater-lhe na cara e perguntando quem o tinha feito (Cf. Lc 22,63-64) – mas de amor, de oferta onde o “objetivo próprio e último da transformação eucarística é a nossa transformação na comunhão com Cristo”⁹⁹.

Jesus na última ceia disse aos apóstolos para fazer “isto em minha memória”. Jesus quer que as pessoas celebrem a sua Páscoa – do pão e do vinho – páscoa que Ele celebrou e não a páscoa antiga. Aquela Páscoa que Ele celebrou como memorial do sacrifício não um sacrifício de paixão, morte, mas de ressurreição. Por isso, os cristãos celebram a Ceia do Senhor no primeiro dia da semana, não com tristeza como sinal de despedida, mas com alegria de alguém que ressuscita e está no meio de nós. Pois se fosse só para

⁹⁷ Paulo VI, *Carta Encíclica “Mysterium Fidei” sobre o culto da Sagrada Eucaristia* (3 de setembro de 1965), (Lisboa: ed. União Gráfica, 1967), nº 48.

⁹⁸ José Saraiva Martins, *Eucaristia*, 185.

⁹⁹ Bento XVI, *Quaresma e Páscoa*, 209.

comemorar, como se comemora um aniversário, celebrar-se-ia na noite de quinta-feira. Jesus quer que este acontecimento se perpetue pelo tempo, não perpetuando a morte, mas a vida; dá uma ordem aos seus discípulos tornando este momento como uma ação sacramental porque “sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha” (1 Cor 11,26). Se anunciamos *a morte do Senhor* é porque de facto ele morreu, mas também há de vir; logo Ele ressuscitou.

3.2. *Jesus presente em cada um*

A eucaristia quando é celebrada, é para ser participada. Todos os crentes devem participar no sacrifício da Eucaristia, o mais belo sacramento da Igreja porque esta “une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração”¹⁰⁰.

Os primeiros cristãos praticavam a “fracção do pão” (Act 2,42). Esta *fracção* do pão era um rito judaico, praticado nas casas das famílias e inseridas na própria refeição. Os cristãos usaram este gesto, mas com outro significado – gesto usado por Jesus na Última Ceia. Neste pão, em que “Cristo está presente inteiro em cada uma das espécies e inteiro em cada uma das partes delas, de maneira que a fracção do pão não divide o Cristo”¹⁰¹, chega até nós através da Eucaristia. Jesus faz este gesto com os apóstolos, na última ceia e depois de ressuscitar, quando parte o pão e o distribui por eles, numa atitude de Pai que parte o pão e reparte pelos *convivas*, é “a função do pai de família, que nisto representa de algum modo também Deus-Pai, o qual, através da fertilidade da terra, distribui por todos nós o necessário para a vida. Depois, é também o gesto da hospitalidade, pelo qual se faz participar o estrangeiro das coisas próprias, acolhendo-o na comunhão da refeição”¹⁰².

É neste gesto que os discípulos de Emaús (Cf. Lc 24,13-35) reconhecem Jesus. Estes discípulos que tendo abandonado os outros vão para uma terra chamada Emaús - tristes, cabisbaixo sem se entenderem, chegando mesmo a discutir entre si (Cf. Lc 24,15) sobre o que tinha sucedido em Jerusalém. Só O reconhecem ´depois de estarem sentados à mesa, tendo como um *forasteiro* numa atitude de hospitalidade; e o que eles tinham em

¹⁰⁰ Bento XVI, *Exortação Apostólica pós-sinodal “Sacramentum Caritatis”*, nº 11.

¹⁰¹ *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1377.

¹⁰² Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 111.

casa, segundo a Escritura, era pão que o partilham para que ele participe da comunhão da mesa deles. Jesus não se alimenta do pão pois desaparece quando se lhe abrem os olhos, mas abençoa, parte e distribui (Cf. Lc 24,30), tal e qual como tinha feito na última ceia com os seus Apóstolos, visto que estes dois discípulos não tinham estado presentes, mas tinha-lhes sido comunicado oralmente. Convém ainda referir que depois de terem visto e reconhecido Jesus com a fração do pão, mesmo sendo noite, sem qualquer tipo de medo, põem-se a caminho para divulgar e partilhar a alegria com os outros que estavam fechados e cheios de medo.

Quando o pão é repartido, como acontece na Santa Missa, na altura da Comunhão, e em que se pede aos fiéis que comunguem, em graça, o Corpo do Senhor, “estão indivisivelmente ligadas as dimensões horizontal e vertical. Nesta dupla afirmação sobre o agradecer e o e o repartir no início da narrativa da instituição, torna-se evidente a natureza do novo culto fundado por Cristo na Última Ceia, na cruz e na ressurreição; deste modo, o antigo culto do templo é abolido e, ao mesmo tempo, levado à sua perfeição”¹⁰³. A dimensão horizontal na medida em que somos todos irmãos e a dimensão vertical de termos de dar graças por podermos ter a oportunidade de *comungar Jesus*.

Se por qualquer motivo alguma pessoa não possa comungar sacramentalmente, pode e deve fazê-lo espiritualmente, rezando com o Papa Francisco a oração de Santo Afonso Maria de Liguori “Meu Jesus, eu creio que estais realmente presente no Santíssimo Sacramento do Altar. Amo-vos sobre todas as coisas, e minha alma suspira por Vós. Mas, como não posso receber-Vos agora no Santíssimo Sacramento, vinde, ao menos espiritualmente, a meu coração. Abraço-me convosco como se já estivésseis comigo: uno-me Convosco inteiramente. Ah! não permitais que torne a separar-me de Vós”¹⁰⁴.

O pão que fica depois dos fiéis terem comungado é guardado em vasos onde irá ser colocado no sacrário. Sacrário “é o pequeno recinto, à semelhança de caixa ou armário, onde se guarda a Eucaristia depois da celebração, para que possa ser levada aos doentes ou dela possam comungar, fora da Missa, os que não puderam participar nela”¹⁰⁵.

¹⁰³ *Ibidem*.

¹⁰⁴ Amedeo Lomonaco e Silvonei José *A Oração de Santo Afonso Maria de Liguori para a Comunhão espiritual*, consultado em 10 de abril, 2020, <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-04/a-oraco-de-santo-afonso-maria-de-liguori-para-a-comunhao.html>.

¹⁰⁵ José Aldazábal, *Sacrário*, in “Dicionário elementar de liturgia”, consultado em 30 de junho, 2019, http://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=387.

Nos primeiros tempos era guardado nas casas dos chefes de família, devido ao pequeno número de fiéis. Quando a quantidade dos fiéis foi-se tornando maior, foram construídas igrejas e aí foram edificadas capelas laterais onde as hóstias consagradas eram colocadas “num lugar nobre e destacado, convenientemente adornado, inamovível, de matéria sólida e não transparente, fechado com chave, num ambiente que torne fácil a oração pessoal fora do momento da celebração”¹⁰⁶ e onde as pessoas podem ir visitar o Santíssimo como “prova de gratidão, sinal de amor e dever de adoração a Cristo Senhor nosso, ali presente”¹⁰⁷.

O Santíssimo Sacramento “é o sacramento dos sacramentos”, pois é com este nome que “se designam as espécies eucarísticas guardadas no sacrário”¹⁰⁸. Sabe-se se está lá ou não através de uma lâmpada que estará acesa a indicar a Sua presença. Atualmente, na maior parte das Igrejas esta lâmpada é elétrica, mas nunca foi assim. Esta lâmpada era uma lamparina de azeite: as pessoas ao pagarem os direitos paroquiais¹⁰⁹ entregavam ao sacerdote o azeite que o iria colocar na luminária. Elas poderiam venerar e adorar o Santíssimo Sacramento sabendo que a luz era sinal da Sua presença. Esta adoração deve ser feita única e simplesmente a Deus (Cf. Lc 4,8; Fil 2,9-11). “A adoração é a atitude do reconhecimento, de acolhimento íntimo de tão grande dom, da sua contemplação e interiorização na fé e no amor, em acção de graças”¹¹⁰.

A adoração e veneração do Santíssimo Sacramento tem uma forte religiosidade popular. Em 1264, o papa Urbano IV¹¹¹ ordenou que na quinta-feira, passados 50 dias depois da Páscoa – Pentecostes - na solenidade do “Corpo e Sangue de Cristo” com uma solene procissão para “testemunhar publicamente a veneração para com a santíssima Eucaristia”¹¹². As pessoas fazem inúmeros tapetes floridos durante a noite anterior pelas ruas e caminhos por onde vai passar o Santíssimo Sacramento, em procissão, como sinal de grande festa porque “o Povo de Deus se reúne à volta do tesouro mais precioso herdado

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ Paulo VI, *Carta Encíclica “Mysterium Fidei”*, nº 68.

¹⁰⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1330.

¹⁰⁹ Também é designado por “contributo paroquial”, “côngrua”, “primícia”. O Código do Direito Canónico diz que “Os fiéis têm a obrigação de prover às necessidades de Igreja, de forma que ela possa dispor do necessário para o culto divino, para as obras de apostolado e de caridade, e para a honesta sustentação dos seus ministros.”, in *Código do Direito Canónico*, cân. 222, §1.

¹¹⁰ António Marto, *Eucaristia e Beleza de Deus*, (Viseu: ed. Fundação Jornal da Beira, 2005), 29.

¹¹¹ Cf. Urbano IV, *Bula “Hoc Mundo Transitus” (Instituição da Festa do Corpo de Cristo)* (11 de agosto de 1264), consultado em 26 de junho, 2019, <https://w2.vatican.va/content/urbanus-iv/es/documents/bulla-transitus-de-mundo-11-aug-1264.html>.

¹¹² *Código do Direito Canónico*, cân. 944, §1.

de Cristo, o Sacramento de sua própria Presença, e O louva, canta e leva em procissão pelas ruas da cidade”¹¹³. Também há terras onde as pessoas colocam as melhores cobertas de linho à janela, e os presentes que estão a observar genufletam à passagem do sacerdote debaixo do púlpito com a hóstia consagrada.

Jesus nunca teve medo daqueles que o queriam matar e dos que lhe preparavam ciladas para o condenar; sempre andou a ensinar a toda a gente e nunca esteve enclausurado onde ninguém lhe pudesse tocar nem contemplar. Ele não quer isso, mas quer estar “no nosso meio, no nosso dia a dia. Para onde quer que vamos, Ele deve ir; onde quer que vivamos, Ele deve viver”¹¹⁴ não tendo medo de mostrar que somos verdadeiros e sabendo que tudo o que Jesus recebe, Ele dá, também assim o ser humano deve estar de “mãos abertas para Receber. Para Acolher. Para Acariciar. Para Dar. Para Repartir. Para Compartilhar”¹¹⁵.

¹¹³ João Paulo II, *Homilia do Papa João Paulo II: Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo* (14 de junho de 2001), consultado em 25 de junho, 2019, https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20010614_corpus-domini.html.

¹¹⁴ Joseph Ratzinger, *A caminho de Jesus Cristo*, 104.

¹¹⁵ António da Rocha Couto, “Igreja e Eucaristia: um círculo aberto”, in *Theologica*, 43, (2008): 108 (103-120).

CAPITULO III – CONTEXTUALIZAÇÃO, PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA

Neste terceiro e último capítulo são apresentadas as informações referentes à operacionalização da Prática de Ensino Supervisionada (PES), decorrida durante o ano letivo 2018/2019 no Agrupamento de Escolas de Celeirós.

Este estágio curricular decorreu em dois momentos distintos: num primeiro período de observação das aulas da orientadora cooperante, que facultou a auscultação, análise e caracterização do ambiente e do processo educativo; e um segundo período de operacionalização, desenvolvido com a turma C do 6º ano de escolaridade da Escola Básica do 2º e 3º ciclos de Celeirós, onde se colocou em prática a planificação pensada para a unidade letiva *A Partilha do Pão*.

Após o enquadramento teórico da PES, segue-se o contexto da intervenção da Unidade Curricular (UC), a Planificação da Unidade Letiva, e a sua respetiva autoavaliação.

1. Contexto de Intervenção da Prática de Ensino Supervisionada

Este estágio, da responsabilidade da UC da PES, foi desenvolvido em contexto do Mestrado em Ciências Religiosas, numa escola do Ensino Básico de uma instituição pública, do concelho de Braga, entre os meses de fevereiro e abril de dois mil e dezanove.

Este capítulo destina-se à caracterização do meio em que foi desenvolvida esta Prática de Ensino Supervisionada, tendo sido nesse contexto que se desenvolveu este trabalho, que serviu de complemento a este relatório.

1.1. Caracterização do Agrupamento e da Escola

O estágio da minha prática pedagógica, da responsabilidade da Disciplina de Prática de Ensino Supervisionada, foi implementado em contexto da educação do 2º ciclo do ensino básico, numa instituição pública pertencente à freguesia de Celeirós, situado no sul do concelho de Braga. Esta escola Básica do 2º e 3º Ciclo faz parte do Agrupamento de Escolas de Celeirós.

O Agrupamento de Escolas de Celeirós, com sede nesta escola, é constituído por 7 núcleos educativos do pré-escolar e do ensino básico. Atualmente, este território

abrange a União de freguesias de Celeirós, Aveleda e Vimieiro, Escudeiros e Penso (Santo Estevão e S. Vicente), Figueiredo, Lamas e Guisande e Oliveira (S. Pedro). Este Agrupamento, segundo o seu Projeto Educativo, tenta que os alunos se mantenham nas mesmas turmas ao longo de todo o percurso escolar, a não ser que haja motivos de não integração¹¹⁶. O corpo docente é constituído por 120 docentes, com um quadro estabilizado na ordem do 69% e com idades médias dos 50 anos de idade, distribuídos por 49 turmas dos pré-escolar ao 3º ciclo contando com um número de 905 crianças¹¹⁷.

Este Agrupamento tem parcerias de trabalho com várias “instituições de âmbito escolar, cultural, profissional, desportivo e também da formação de professores”¹¹⁸. Tem protocolos com várias instituições no que se refere à inclusão e integração social, educação e formação, e saúde, lazer e bem-estar.

1.2. Caraterização da Turma

A realização da minha prática pedagógica foi o 6º ano turma C, da escola de Celeirós, com 30 alunos: 17 rapazes e 13 raparigas, estando todos inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC).

Este grupo de alunos eram assíduos e pontuais e, na sua maioria, cumpridores das regras de trabalho e de convivência. Estes comportamentos no relacionamento interpessoal “implicam que os alunos sejam capazes de: • adequar comportamentos em contextos de cooperação, partilha, colaboração e competição; • trabalhar em equipa e usar diferentes meios para comunicar presencialmente e em rede; • interagir com tolerância, empatia e responsabilidade e argumentar, negociar e aceitar diferentes pontos de vista, desenvolvendo novas formas de estar, olhar e participar na sociedade”¹¹⁹.

Esta turma mantinha uma boa relação entre pessoal docente e não docente, o que é fundamental para o enriquecimento de cada um. Com este tipo de relação permitiam um bom envolvimento nas atividades do Plano Anual de Atividades sendo de realçar a participação na campanha de recolha de alimentos no Supermercado “Continente Bom

¹¹⁶ Cf. Agrupamento de Escolas de Celeirós, *Construir o Futuro: Projeto Educativo 2018/2021*, consultado em 01 de Maio, 2019, <https://www.aeceiros.pt/index.php/instituicao/documentos-orientadores/431-documentos-orientadores-2018-2021>.

¹¹⁷ Cf. *Ibidem*, 3.

¹¹⁸ *Ibidem*, 12.

¹¹⁹ Guilherme d'Oliveira Martins (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, (Lisboa: ed. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017), 25.

Dia”, em Celeirós e a participação na Campanha de Solidariedade “Dez milhões de estrelas” a favor da Cáritas, promovida pelo grupo disciplinar de Educação Moral Religiosa Católica, em que se envolve toda a comunidade educativa.

Apesar de ser um grupo de alunos muito participativos, empenhados e interessados, necessitam de melhorar ao nível da atenção/concentração.

Os seus passatempos favoritos, na generalidade, são os meios audiovisuais, na ocupação dos tempos livres e uma grande maioria conhece o “escutismo” mesmo não fazendo parte de nenhum agrupamento. Esperam da disciplina “aprender coisas novas” e a escola é “um local onde se pode aprender coisas novas” para uma grande maioria enquanto para outros, minoria, é “um local onde são obrigados a estar”.

2. Planificação da Unidade Letiva

Neste ponto, explico a razão da escolha da Unidade Letiva (UL), assim como se apresentam as metas, objetivos e conteúdos propostos pelo programa de EMRC para a mesma. Posteriormente apresento resumidamente aula observada ao professor cooperante e a implementação e avaliação das atividades nas aulas lecionadas.

2.1. Justificação da escolha do tema

A escolha deste tema “A Partilha do Pão” surgiu no seguimento de ter estado envolvido, durante quinze anos numa padaria da região onde fornecia pão às pessoas. Este trabalho permitiu mostrar aos alunos a importância deste alimento e como ele é confeccionado.

Não só vendi pão, como também participei, na minha aldeia, na confeção do mesmo. Este fabrico era artesanal. Muitas vezes, este alimento era partilhado pelos mais necessitados, não acumulando para si, mas colocando-o ao serviço dos outros porque se, “cada um só acumular para si, o que lhe acontecerá quando for chamado por Deus? Não poderá levar as riquezas consigo (...), porque só levamos para o Céu aquilo que partilhamos com os outros”¹²⁰.

¹²⁰ Francisco, *O Evangelho da nova vida*, 16-17.

Esta partilha também servia para matar a fome das pessoas que andavam de porta em porta a pedir comida pois o “faminto está ali, na esquina da rua, e pede o direito de cidadania, pede para ser considerado na sua condição, pede para receber uma alimentação básica sadia. Pede-nos dignidade, não esmola”¹²¹.

2.2. A Unidade Letiva

A Unidade Letiva “A partilha do Pão” é a terceira UL que corresponde ao programa do 6º ano do ensino básico de EMRC. Segundo o programa nacional de EMRC, edição de 2014.¹²² Este ano contempla as seguintes unidades: “A Pessoa Humana”; “Jesus, um Homem para os outros” e “A partilha do Pão”. A que me propus trabalhar foi a última Unidade Letiva do 6º ano – “A Partilha do Pão”, planificando-a para o 2º Período.

Esta Unidade Letiva tem como **Metas**:

- O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.
- J. Descobrir a simbólica cristã.
- N. Promover o bem comum e o cuidado do outro

Objetivos, que o programa propõe são:

1. Descobrir a dimensão simbólica da refeição.
2. Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens.
3. Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome.
4. Reconhecer o valor da solidariedade.
5. Reconhecer nos relatos da Última Ceia o seu significado essencial para a mensagem cristã.
6. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.
7. Valorizar a atitude do voluntariado.

Conteúdos a trabalhar:

- * A alimentação:
 - a refeição;

¹²¹ *Ibidem*, 30.

¹²² Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, (Lisboa: ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014), 68-69.

- a refeição como festa e experiência de encontro;
- o ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural.
- * O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.
- * O pão, o azeite, o vinho, a água, o cordeiro.
- * A produção e o comércio dos alimentos.
- * A fome e a subnutrição;
- * A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.
- * Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome;
 - FAO (Organização da Agricultura e Alimentação);
 - Bancos Alimentares Contra a Fome
- * Solidariedade e voluntariado.
- * Fraternidade, amor partilhado.
- * A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos: Act 2, 42-47.
- * A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor: Mc 14, 12-25.
- * O Lava-pés, sinal do serviço de Jesus por amor: Jo 13,3-7.13-17.
- * Ser pão para os outros:
 - a doação de si mesmo;
 - o amor partilhado com os mais necessitados.
- * A diversidade de carismas no serviço: 1 Cor 12,4-11.
- * O exemplo cristão de «pão para os outros»:
 - Cáritas;
 - Conferências Vicentinas de S. Vicente de Paulo;
 - Comunidade Vida e Paz.

2.3. Observação da aula da Professora Cooperante

No dia seis de fevereiro de dois mil e dezanove, o estagiário assistiu à aula da Professora Cooperante. A aula teve início com a apresentação do estagiário e a professora titular de turma a pedir a que cada aluno se apresentasse dizendo o seu nome.

O estagiário elaborou um questionário “Ajuda-me a conhecer-te”¹²³ que foi entregue a cada um. De seguida, a aula prosseguiu com normalidade e o professor introduziu a Unidade Letiva – “A Partilha do Pão” – questionando os alunos sobre o que é “a partilha”.

O professor destacou as palavras mais sublinhadas (negativas e positivas), questionando os alunos sobre as suas escolhas. Os alunos foram partilhando as suas ideias, de forma ordenada, com intervenções muito pertinentes.

A aula terminou e o professor referiu que a próxima aula seria lecionada pelo professor estagiário, desejando aos alunos uma boa semana.

2.4. Implementação e avaliação

A PES irá realizar-se em 7 tempos letivos com o horário das 12:20h às 13:10h. A seguir serão apresentadas as planificações das aulas e a autoavaliação das mesmas.

2.4.1. A aula número 1 – Dimensão simbólica do pão

Esta aula decorreu no dia treze de fevereiro de dois mil e dezanove, e como **meta** tinha os seguintes pontos:

- Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.

Para a aula em questão, planifiquei¹²⁴ o seguinte **objetivo**:

- Descobrir a dimensão simbólica da refeição

Os **conteúdos** a desenvolver são os seguintes:

- A alimentação:

- A refeição

- A refeição como festa e experiência do encontro

A aula iniciou-se com o acolhimento e a saudação aos alunos. O docente pediu a um aluno que escrevesse no quadro o sumário: “A alimentação nos dias de hoje”, a fim

¹²³ Cf. Anexo: “Questionário: Inquérito aplicado aos alunos”

¹²⁴ Cf. Anexo: Tabela 1 – Grelha de planificação da aula 1.

de promover uma maior abertura e uma interação com a turma, pedindo aos restantes colegas que copiassem o que estava a ser escrito.

Posteriormente, o docente lembrou os conteúdos¹²⁵ da UL: “A Partilha do Pão”, explicando um pouco os mesmos, surgindo uma pergunta por parte de um aluno se porventura eles iriam “partilhar mesmo o pão que traziam do lanche”, onde o docente referiu que “podiam partilhar o pão que trazem de casa, ou porventura comprem na cantina, mas como iam refletir ao longo das aulas, podem partilhar não só o pão mas várias coisas.”

Foi feito um jogo de descoberta de palavras a fim de descobrir determinada frase que dava origem a um determinado provérbio.¹²⁶ Foi chamado ao quadro um aluno para tentar descobrir. Como ele não conseguiu, logo à primeira, pediu-se ajuda aos colegas que iam dizendo determinadas letras e com a ajuda do professor iam colocando no local adequado. Com as letras colocadas nos respetivos lugares, projetou-se no quadro interativo o provérbio completo para que assim todos pudessem corrigir. Os alunos, na generalidade, conseguiram, facilmente, completar os mesmos. No final, foi pedido aos alunos que copiassem os provérbios, explicando-lhes que eram frases ditas pelos pais, com grande sabedoria, tendo sido transmitidas pelos antepassados e, alguns, muito fáceis de memorizar por serem frases muito pequenas.

Finda esta atividade, o docente mostrou alguns *PowerPoints*¹²⁷ de alguns pratos típicos de várias regiões do nosso país, e há medida que ia mostrando o prato típico, os alunos foram tentando adivinhar o nome do respetivo alimento, assim como a região a que diz respeito.

Mais tarde, foram visualizadas umas imagens onde os alunos comentaram aquilo que viam,¹²⁸ chegando a dizer que eram “locais de alegria”, “experiências de partilhas”.

Por fim, os alunos foram convidados a ver, com muita atenção, a história da “Lenda da Rainha Santa Isabel”. No fim de observado o filme,¹²⁹ o docente questionou os alunos qual o sentido do mesmo.

O docente termina a aula despedindo-se dos alunos.

¹²⁵ Os conteúdos só foram lembrados, visto que tinham sido focados na aula anterior.

¹²⁶ Cf. Anexo: *Figura 1*.

¹²⁷ Cf. Anexo: *Figura 2-3*.

¹²⁸ Cf. Anexo: *Figura 4*.

¹²⁹ Cf. Anexo: *Videograma 1*.

2.4.2. A aula número 2 – O processo do pão

Para esta segunda aula, que teve lugar no dia vinte de fevereiro do corrente ano, a **meta** a atingir:

- Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo

Onde foram planeados¹³⁰ os seguintes **objetivos**:

- Descobrir a dimensão simbólica da refeição.
- Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição de bens

Os **conteúdos** a desenvolver são os seguintes:

- O ritual da preparação da refeição e a sua experiência cultural
- A produção e comércio de alimentos

A aula iniciou-se com a o acolhimento e saudação aos alunos. De seguida, o docente projetou no quadro o sumário da aula, através de um *PowerPoint*, para todos registarem no caderno diário: “O pão e o seu processo”.

Efetuiu-se um resumo dos conteúdos da aula anterior, onde os alunos e alunas foram sintetizando os conhecimentos adquiridos.

Terminado o resumo, o docente questionou os alunos se porventura “quando eles vêm para a escola têm o pão à porta de casa?” Vários alunos responderam que “sim”. Na sequência deste diálogo, o docente perguntou se sabiam qual é o processo na produção do alimento que eles têm à porta de casa. Aí as respostas foram quase unânimes a dizer que “não”. Então o docente mostrou uma série de imagens¹³¹ sobre o “processo do pão”, não do trigo, mas do milho – mais frequente na nossa região – desde a sementeira até à chegada à mesa. Há medida que ia mostrando as imagens, ia explicando o processo, contando algumas curiosidades. Os alunos iam copiando para o caderno diário algumas fases principais do fabrico do pão.

¹³⁰ Cf. Anexo: *Tabela 2 – Grelha de planificação da aula 2.*

¹³¹ Cf. Anexo *Figura 5.*

O docente fez a síntese final visto que faltavam dois minutos para acabar a aula e os alunos estavam um pouco impacientes, pois o toque para sair estava quase a suceder.

O docente deu por concluída a aula despedindo-se dos alunos.

2.4.3. A aula número 3 – Dimensão simbólica do pão

A aula decorreu no dia vinte e sete de fevereiro iniciando-se com o habitual acolhimento dos alunos e boas-vindas.

Seguidamente, foi projetado no quadro o sumário da aula, através de um *PowerPoint*, para todos registarem no caderno pessoal: “As refeições de Jesus. O simbolismo de alguns alimentos na Bíblia. A Última Ceia e o Lava Pés”.

Nesta aula, a **meta** a atingir:

- Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo

Os **objetivos**¹³² a cumprir:

- Descobrir a dimensão simbólica da refeição
- Reconhecer nos relatos da Última Ceia o seu significado essencial para a mensagem cristã

Os **conteúdos** a desenvolver:

- O significado simbólico - religioso do alimento e da refeição
 - . Pão, vinho, azeite, água, cordeiro.
 - A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor.
 - . O Lava-pés, sinal do serviço de Jesus por amor.

O docente interrogou os alunos sobre o que acharam das imagens que visualizaram na semana passada e se questionaram a família sobre o processo do pão até chegar às suas casas.

Concluído a síntese da aula anterior, o docente perguntou aos alunos se Jesus também se alimentava e se fazia refeições com os seus amigos, ao que os alunos

¹³² Cf. Anexo: *Tabela 3 – Grelha de planificação da aula 3.*

responderam afirmativamente. O docente solicitou à turma que fossem dando exemplos das refeições de Jesus ao que iam sendo registadas no quadro, por um aluno, que ouvia as afirmações dos seus colegas.

Depois deste procedimento, o docente mostrou várias imagens de refeições que Jesus teve no seu tempo: bodas de Canaã,¹³³ na casa do fariseu e a Última Ceia; explicando um pouco o significado de cada uma delas e dizendo que Jesus não só comia com as pessoas, mas também queria que as pessoas o partilhassem, tal como o nome da nossa UL: “A Partilha do Pão”.

De seguida, o docente referiu que o pão também já estava presente nos tempos muito antes de Jesus, mostrando-lhes uma imagem do *pão*, *azeite*, *vinho* e *água* e o *cordeiro*¹³⁴ que sempre que aparecem na Bíblia tem sempre um significado simbólico-religioso.

Mais tarde, o docente mostrou duas imagens através de um *PowerPoint* que continham a *Hóstia consagrada*¹³⁵ e o *Lava-pés* e perguntou aos alunos se percebiam o seu significado e o que é que Jesus quis fazer com isso. Os alunos responderam que “a primeira imagem já tinham visto o padre com aquilo na missa” e que “a segunda nunca a tinham visto”. O docente explicou o significado de cada uma delas e que para melhor compreenderem iam ler um texto que ia ser projetado. Após isto, o docente pediu a três alunos que lessem o texto,¹³⁶ dramatizando-o, sendo um o narrador, outro Jesus e outro os discípulos. Para melhor distinguirem o que cada um iria ler, o texto estava com cores de tipos de letra diferentes: “o narrador” de cor azul, “Jesus” de cor verde e “Pedro” de cor preta. O docente felicitou o modo como o texto foi declamado e a dicção dos alunos envolvidos. Por fim, explicou aos alunos que o que Jesus acabara de fazer, mediante o texto que dramatizaram, era um gesto indicado para os *criados* que tinham a missão de *lavar os pés* aos convidados de alguém.

A aula deu-se por concluída com o docente a entregar aos alunos um pequeno resumo¹³⁷ do *significado simbólico religioso do alimento e da refeição na Bíblia*.

¹³³ Cf. Anexo *Figura 6*.

¹³⁴ Cf. Anexo *Figura 7-8*.

¹³⁵ Cf. Anexo *Figura 9*.

¹³⁶ Cf. Anexo *Figura 10*.

¹³⁷ Cf. Anexo *Figura 11*.

2.4.4. A aula número 4 – Reconhecer o valor da solidariedade

No dia treze de março de dois mil de dezanove, foi lecionada mais uma aula no âmbito da disciplina de PES, do Mestrado em EMRC, na turma C do 6º ano de escolaridade no Agrupamento de Escolas de Celeirós. Foi a quarta de uma planificação de sete aulas respeitantes à UL: “A partilha do Pão”.

A aula iniciou-se com o acolhimento e a saudação aos alunos. Depois, foi projetado no quadro o sumário da aula, através de um *PowerPoint*, para todos registarem no caderno: “Solidariedade e voluntariado. A vida em comum dos primeiros cristãos.” De seguida, o docente pediu a colaboração dos alunos para sistematizar os conteúdos lecionados na aula anterior e se também conseguiam estabelecer uma ligação com as aulas já lecionadas.

Para esta aula a **meta**:

- Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.

O **objetivo**¹³⁸:

- Reconhecer o valor da solidariedade.

Os **conteúdos**:

. Solidariedade e voluntariado

. Fraternidade, amor partilhado

. A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos.

Finda a síntese, o docente escreveu no quadro a palavra *solidário* e *voluntário*. Pediu aos alunos se sabiam o seu significado e eles partilharam a experiência que realizam na escola pela altura do Natal em que são voluntários na recolha de alimentos para o *Banco Alimentar Contra a Fome*. O docente referiu que isso era uma atividade em que podem ser voluntários, mas que podem praticar outras atividades ao longo do seu percurso de vida. Um aluno referiu que “voluntário e solidário eram duas coisas que

¹³⁸ Cf. Anexo: *Tabela 4 – Grelha de planificação da aula 4.*

estavam muito interligadas, pois as pessoas voluntárias são solidárias dando o seu tempo sem esperarem nada em troca”.

Mais tarde, o docente pediu a uma aluna que lesse o texto do manual¹³⁹ referente ao “ser voluntário”. No final o docente deu os parabéns à aluna pela boa dicção e por ler muito calmamente o texto; perguntando-lhe se conheciam alguém que fosse voluntário e os alunos responderam que “o colega que participava na recolha de bens alimentares era um voluntário.” O docente valorizou a resposta, lembrando que, mais uma vez, “nós devemos estar atentos às pessoas com necessidades ao nosso lado e que não precisamos de ser voluntários só quando é para ajudar as pessoas que se encontram longe”.

De seguida, o docente projetou um slide onde resumia algumas características do voluntariado e no final de o lerem, pediu aos alunos que, a lápis, assinalassem as respostas corretas dos *valores que orientam o voluntariado* que se encontravam no manual.¹⁴⁰ Após terem respondido a este pequeno exercício, o docente pediu aos alunos que trocassem o livro com o colega do lado para fazerem a correção. Os alunos gostaram muito desta troca de manuais e ficaram um pouco excitados por poderem corrigir as respostas dos colegas. Nesse mesmo momento, e para ajudar à correção, o docente projetou as respostas corretas.¹⁴¹ No final, o docente perguntou aos alunos se todos tinham acertado, e quase a totalidade descobriu as respostas corretas. O docente questionou se gostaram desta atividade e disse-lhes que iriam voltar a repetir.

O docente pediu a uma aluna que lesse o texto At 2, 42-47 que se encontrava no manual¹⁴² ao fundo. Após a leitura, o docente referiu que “ser-se solidário não é uma coisa atual, mas que se vem verificando há muitos anos.” Foi explicado aos alunos de como nos primeiros tempos da Igreja também os cristãos o eram. O docente projetou um pequeno filme¹⁴³ onde os alunos constataram que se pode oferecer, sem conhecermos a pessoa em causa.

Com o objetivo de fazer uma síntese de conteúdos lecionados, o docente apresentou um pequeno vídeo¹⁴⁴ sobre a “ajuda ao próximo”. Terminada a apresentação,

¹³⁹ Cf. Fundação Fé e Cooperação, “Ser Voluntário”, in Secretariado Nacional da Educação Cristã *Estou Contigo*, 108.

¹⁴⁰ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã *Estou Contigo*, 109.

¹⁴¹ Cf. Anexo: *Figura 12*.

¹⁴² Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã *Estou Contigo*, 110.

¹⁴³ Cf. Anexo: *Videograma 2*.

¹⁴⁴ Cf. Anexo: *Videograma 3*

os alunos concluíram que viram vários gestos de solidariedade, e que “não é preciso fazer grandes coisas”; “uma pequena ajuda, pode fazer a diferença”, referiu outro aluno.

O docente perante estas conclusões lançou um desafio para também serem solidários com pequenos gestos durante a semana.

A aula terminou quando o docente se despediu dos alunos.

2.4.5. A aula número 5 – Partilha de bens: partilha de si

A aula decorreu no dia vinte de março de dois mil e dezanove iniciando-se com o acolhimento e saudação. O docente realizou uma síntese, com o recurso aos alunos, onde estes conseguiram sistematizar os conteúdos lecionados na aula anterior, questionando-os do pedido feito, na aula anterior, de tentarem ser *solidários*. Os alunos responderam que foram solidários nos pequenos gestos, tendo um aluno referido que “durante a semana optou por pôr a mesa todos os dias ao jantar”. O docente valorizou essa atitude e referiu que assim “as pessoas que jantaram com ele tiveram mais tempo para fazer outras coisas, certamente, proveitosas”.

Depois, foi projetado no quadro o sumário da aula, através de um *PowerPoint*, para todos registarem no caderno: “A diversidade de carismas. Papa Francisco: jogo”. Os alunos ficaram logo todos entusiasmados pois iriam ter um *jogo* e perguntavam, insistentemente, qual seria o jogo e quando. O docente tentou cativar a atenção dos alunos dizendo-lhes que “o jogo iria ser feito, mas tinham que dar seguimento à matéria e se reparassem no sumário, o jogo viria em segundo lugar”.

Para esta aula,¹⁴⁵ a **meta** proposta:

- Descobrir a mensagem simbólica cristã” com o seguinte

O **objetivo** a atingir

- Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si

O **conteúdo**:

- . Ser pão para os outros:
 - a doação de si mesmo

¹⁴⁵ Cf. Anexo: *Tabela 5 – Grelha de planificação da aula 5.*

- o amor partilhado com os mais necessitados

. A diversidade de carismas no serviço

De seguida, foi projetado uma imagem¹⁴⁶ e os discentes foram questionados se a conheciam. A resposta foi unânime em dizer que era a “Madre Teresa de Calcutá” e o docente referiu que é uma pessoa “Santa dos dias de hoje”. Foi perguntado o que é que ela teria feito na vida para ser considerada *Santa* e um dos alunos referiu que “cuidava dos pobres”. Então o docente para melhor saberem qual era a sua missão e melhor a conhecerem, mostrou-lhe o filme¹⁴⁷ onde puderam ver como ela partilhava a sua vida a ajudar as pessoas mais necessitadas.

Posteriormente, o docente mostrou no quadro interativo uma imagem¹⁴⁸ a que todos os alunos souberam responder de quem se tratava. Foram rápidos a dizer que era o Papa Francisco. O docente aproveitou para referir que foi este Papa que canonizou a Madre Teresa de Calcutá. Os alunos questionaram-no, querendo saber o significado de *canonizar*, ao que o professor pediu à turma se alguém queresia responder. Não havendo qualquer resposta, esclareceu que era “tornar uma pessoa Santa, vivendo e praticando o amor através de pequenas coisas, e ajudando os outros nas necessidades” referindo também o caso de duas crianças portuguesas de Fátima. Uma aluna levantou logo o braço no ar. Foi-lhe dada a palavra ao que ela referiu. “Francisco e Jacinta Marto”. O docente valorizou a resposta dizendo que eram “umas crianças que rezavam muito pela conversão dos pecadores e faziam muitos sacrifícios, inclusive não almoçavam para dar aos pobres”; e que este era mais um exemplo de partilha.

Para melhor conhecerem o Papa Francisco, o docente dividiu a turma em 4 grupos consoante estavam sentados nas cadeiras. No quadro branco fez uma tabela e projetou no quadro interativo um tabuleiro.¹⁴⁹ Foi entregue aos alunos um “dado” de esferovite que, ordenadamente, iam lançando. À medida que iam avançando nas casas do tabuleiro projetado, um dos alunos do grupo ia lendo o que cada casa dizia ficando assim a conhecer um pouco da vida do Papa Francisco, enquanto o professor ia registando a pontuação no quadro branco de cada grupo. No final, o docente felicitou todas as equipas pelo resultado

¹⁴⁶ Cf. Anexo: *Figura 13*.

¹⁴⁷ Cf. Anexo: *Videograma 4*.

¹⁴⁸ Cf. Anexo: *Figura 14*.

¹⁴⁹ Cf. Anexo: *Figura 15*.

alcançado e esclareceu que “num jogo é importante ganhar. Mas mais que isso, é mais importante... participar”, e neste, inclusive, aprender algo mais. E isso tinha sido feito nesta aula.

A aula terminou quando o docente se despediu dos alunos, e como do “Dia do Pai” tinha sido no dia anterior, partilhou com os alunos um porta-chaves¹⁵⁰ para oferecerem ao Pai.

2.4.6. A aula número 6 – O problema da fome

No dia vinte e sete de março, foi lecionada mais uma aula no âmbito da disciplina de PES, do Mestrado em EMRC, na turma C do 6º ano de escolaridade no Agrupamento de Escolas de Celeirós.

A aula iniciou-se com o acolhimento e saudação dos alunos. Depois, foi projetado no quadro o sumário da aula, através de um *PowerPoint*, para todos registarem no caderno: “O problema da fome. Instituições de solidariedade. As nossas atitudes”. De imediato, procedeu-se a uma síntese da aula anterior com o recurso aos alunos onde estes conseguiram sistematizar os conteúdos lecionados na aula anterior e também conseguiram estabelecer uma ligação com as aulas já lecionadas.

A meta:

- Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”.
- Promover o bem comum e o cuidado do outro.

Os objetivos¹⁵¹:

- Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição de bens.
- Reconhecer o valor da solidariedade
- Identificar instituições nacionais e vocacionadas para a eliminação da fome

¹⁵⁰ Cf. Anexo: *Figura 16*.

¹⁵¹ Cf. Anexo: *Tabela 6 – Grelha de planificação da aula 6*.

- Valorizar a atitude do voluntariado

Os conteúdos:

- . A fome e a subnutrição
- . A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.
- . Solidariedade e voluntariado
- . Bancos Alimentares Contra a Fome;
- . Cáritas
- . Refood

Finda a síntese, o docente perguntou aos alunos se ainda se recordavam de algum “provérbio sobre a alimentação” ao que responderam que “sim” referindo “ter mais olhos que barriga” e chegando mesmo a dizer “que tinham falado nisso numa das primeiras aulas”. A turma foi questionada se eles se recordavam de mais algum ao que afirmaram que “sim”, citando este: “grão a grão, enche a galinha o papo”.

De seguida, o docente mostrou uma imagem com vários alimentos¹⁵² e questionou se aquela imagem não lhes fazia lembrar “muita fartura”. Responderam que “sim” e foi-lhes dito que “em muitas casas era isto que se passava, noutras, se calhar não tinham nada com que se alimentarem”. Para reforçar esta ideia, mostrou duas imagens¹⁵³ sendo uma de um menino a alimentar-se de restos caídos no chão, e outra, uma senhora com uma criança raquítica com um comentário que dizia “Nunca se produziu tanta riqueza nem tantos alimento como hoje e, no entanto, porque é que morrem tantas pessoas à fome?”.

Os alunos foram assertivos ao responderem que entre várias coisas “se devem às cheias, como em Moçambique”. O docente valorizou o comentário do aluno dizendo que “essa era uma das causas da fome, devido às cheias ocorridas, muito recentemente, em Moçambique”. Foram projetadas umas imagens¹⁵⁴ sobre a “seca” como outra causa da fome, assim como as “desigualdades sociais” e “a guerra”. A imagem das “desigualdades sociais” mostrava uma parte com grandes edifícios e outra parte com barracas, onde um

¹⁵² Cf. Anexo: *Figura 17*.

¹⁵³ Cf. Anexo: *Figura 18*.

¹⁵⁴ Cf. Anexo: *Figura 19-20*.

dos alunos referiu que “em muitas cidades é isto que acontece e os meios de comunicação só mostram as zonas habitacionais ricas”. O professor valorizou o respetivo comentário.

Posteriormente questionou a turma através de um slide que dizia “Instituições” se conheciam alguma instituição que ajudasse no combate à fome. Vários alunos levantaram o braço no ar, a dizer que conheciam, enumerando o caso do “Banco Alimentar Contra a Fome” e a “Refood”, e que tinham feito uma recolha pela altura do Natal. O docente escreveu no quadro as respostas dos alunos. Mais tarde, mostra um *PowerPoint* sobre a história do “Banco Alimentar Contra a Fome”¹⁵⁵ dizendo-lhes que “como já referiram, conhecem o Banco Alimentar, fizeram recolhas, mas, se calhar, não sabem como depois as coisas se processam até chegar às casas das pessoas”. Os alunos visualizaram um vídeo¹⁵⁶ de como é feita a triagem dos alimentos, onde o mesmo foi visto com muita atenção, dando a entender, através do seu comportamento, que não conheciam o processo.

O docente referiu, com ajuda de um slide,¹⁵⁷ também que “há uma instituição católica chamada ‘Cáritas’, que tem uma casa em Braga e que tinha feito um peditório nacional no fim de semana anterior”, mostrando outro vídeo¹⁵⁸ sobre o trabalho diocesano e todos os anos fazem uma campanha, pelo Natal, que é “10 milhões de estrelas” explicando o significado do gesto de acender uma vela na Noite de Véspera de Natal: 24 de Dezembro. Os alunos lembraram que eles mesmos também participaram na campanha, pois a mesma faz parte do Plano Anual de Atividades do Agrupamento.

Por fim, para finalizar as Instituições que ajudam a combater a fome, o docente referiu que lhes ias mostrar como funciona a Refood¹⁵⁹ que alguns conheciam, como tinham dito anteriormente, se não fosse mais nada, pelo menos de nome. Foi-lhes mostrado um vídeo¹⁶⁰ sobre o mesmo, onde os alunos estavam totalmente concentrados. Poucos eram os que conheciam a Instituição e referiram que não era muito divulgado nos meios de comunicação social, o qual o docente referiu que era, ainda, uma instituição muito recente em Portugal.

Ao terminar a aula, o docente lançou um desafio aos alunos “O que vou fazer para minimizar este problema?” em que copiaram para o caderno esta pergunta e teriam que

¹⁵⁵ Cf. Anexo: *Figura 21*.

¹⁵⁶ Cf. Anexo: *Videograma 5*.

¹⁵⁷ Cf. Anexo: *Figura 22*.

¹⁵⁸ Cf. Anexo: *Videograma 6*.

¹⁵⁹ Cf. Anexo: *Figura 23*.

¹⁶⁰ Cf. Anexo: *Videograma 7*.

pensar em alguma coisa durante a semana. Para ajudar melhor a refletir, o docente entregou uma folha A4, a cada aluno, que continha os textos projetados nos slides sobre cada “Instituição”.

A aula terminou quando o docente se despediu dos alunos.

2.4.7. A aula número 7 – Ficha de autoconhecimentos

No dia três de abril, a aula iniciou-se com o acolhimento e a saudação aos alunos. Depois, foi projetado no quadro o sumário da aula, através de um *PowerPoint*, para todos registarem no caderno: “Ficha de avaliação de autoconhecimentos.” De imediato, procedeu-se a uma síntese da aula anterior com o recurso aos alunos onde estes conseguiram sistematizar os conteúdos lecionados na lição anterior, conseguindo fazer uma relação com toda a matéria dada até então.

Esta aula tem como **meta**:

- Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo

Para esta aula¹⁶¹ foram definidos os seguintes **objetivos**:

- Descobrir a dimensão simbólica da refeição
- Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens.
- Identificar instituições, nacionais e internacionais, vocacionadas para a eliminação da fome.
- Reconhecer o valor da solidariedade.
- Tomar consciência de que a partilha dos bens pressupõe a partilha de si
- Valorizar a atitude do voluntariado.

Os **conteúdos**:

- O Significado simbólico-religioso do alimento do alimento e da refeição.
- O pão, o azeite, o vinho, a água, o cordeiro.

¹⁶¹ Cf. Anexo: *Tabela 7 – Grelha de planificação da aula 7.*

- A fome e a subnutrição
- A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade
- Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome
- Solidariedade e voluntariado.
- A diversidade de carismas no serviço
- O exemplo cristão de “pão para os outros”

De seguida, entregou-se aos alunos a ficha de trabalho¹⁶² alertando-os de que tinham apenas 15 minutos para a sua realização e que findo este tempo o docente as recolhia.

Todos conseguiram efetuar a ficha de trabalho no tempo previsto. Depois disso, o docente recolheu todas as fichas. Posteriormente, entregou a cada um uma ficha do colega para o mesmo a corrigir com a ajuda do quadro interativo¹⁶³ que continha lá todas as respostas. Os alunos lembraram-se que também já tinham feito isto e tinham adorado. Participaram muito alegres e entusiastas nesta tarefa comentando de vez em quando, ordeiramente, como ia a correção do colega; ao qual o docente ia dizendo que “não o deveriam fazer pois estavam a tirar a concentração dos outros colegas”, ao que com muito custo iam obedecendo.

Em jeito de conclusão da UL, o docente fez, com os alunos, uma reflexão na qual estabeleceu a ligação entre todos os conteúdos lecionados, para que estes conseguissem entender que a partilha não é só pão, mas que “se tivessem reparado a palavra Pão estava sempre com letra maiúscula, porque podemos e devemos partilhar não só o pão mas tudo o que temos: tempo, capacidades, etc”, dando exemplos focados nas aulas anteriores. Esta reflexão foi realizada com diálogo.

Os objetivos definidos para esta aula terminal de unidade foram conseguidos, uma vez que os alunos conseguiram estabelecer uma relação entre todos os conteúdos lecionados.

¹⁶² Cf. Anexo: *Ficha de Autoconhecimento*.

¹⁶³ Cf. Anexo: *Correção da Ficha de Autoconhecimento*.

O docente deu por encerrada a aula e a unidade letiva, despedindo-se dos alunos e agradecendo o que tinha aprendido com os mesmos.

3. Autoavaliação da Prática de Ensino Supervisionada

Após ter sido ponderada, planeada e lecionada a unidade letiva “A Partilha do Pão”, quero, neste momento do meu relatório, fazer uma síntese autocrítica dos aspetos que mais se destacaram da lecionação, sem, no entanto, deixar de referir as dificuldades que foram encontradas na implementação da referida UL.

Quando iniciei esta UL não conhecia a realidade envolvente, principalmente quais eram as motivações que levavam os alunos para a disciplina, e para tal lancei um questionário¹⁶⁴ para conhecer, minimamente, os mesmos.

Encontrei um grupo motivado e interessado pela disciplina e seus conteúdos. No início custou a cumprir as regras da sala de aula, mas ao longo da lecionação, o docente foi tentando inculcar a ordem e disciplina, principalmente o de “levantar o braço”, para pedirem a palavra, o que permitiu pôr em prática, com sucesso, as competências trabalhadas. De realçar que a hora em que a disciplina era lecionada, esta situava-se no último tempo letivo da manhã, momento em que os alunos terminam as aulas e apanham o transporte para casa para almoçar.

Os conteúdos foram todos abordados e compreendidos pelos alunos. Para esta compreensão utilizei *PowerPoint's*, vídeos e ao reforço positivo, elogiando e valorizando perguntas/respostas e atitudes, dramatização da leitura bíblica, e para consolidação dos conteúdos, foi distribuída uma ficha informativa que os alunos colaram nos seus cadernos diários. Ao longo do decorrer da lecionação foi-se notando uma participação ativa dos alunos, pois todos queriam responder ao que era solicitado por parte do docente, o que, algumas vezes, não foi fácil de controlar devido a falarem todos ao mesmo tempo e à forte participação nas respostas às solicitações efetuadas.

Sublinho, e que foi prática comum em quase todas as aulas o facto de se fazer uma síntese oral dos conteúdos abordados na aula anterior, imediatamente após a projeção do

¹⁶⁴ Cf. Anexo “*Questionário: Inquérito aplicado aos alunos*”.

sumário. Esta estratégia, permitiu propiciar o diálogo, sistematizar conteúdos e proceder ao seu esclarecimento.

Numa das aulas, aula 5, o professor aproveitou por fazer a síntese antes de projetar o “sumário” pois calculava que os alunos iriam ficar ansiosos, porque iriam participar num jogo. Mesmo com toda esta ansiedade o docente soube cativar a atenção dos alunos para dar seguimento à planificação estipulada. Neste âmbito, a proposta deste jogo, revelou ser uma estratégia bastante eficaz de partilha e conhecimento, e de como trabalhar em equipa, apesar de ter sentido que nesta aula houve um burburinho maior, decorrente da especificidade da própria dinâmica. Esta atividade, que apresentou um forte carácter lúdico, permitiu alcançar resultados pedagógicos muito válidos, dada a pertinência da utilização do método pela descoberta. No final do jogo, o docente felicitou todos os jogadores. independentemente do resultado obtido pela equipa, e do modo como souberam jogar em grupo.

O docente, ao longo de toda a UL, deu bastante espaço aos alunos para falar, registando no quadro as suas respostas, valorizando-as.

Os alunos, também, conhecem as Instituições que foram focadas na aula, além de já terem colaborado numa; conhecem as outras. Lembram-se dos provérbios abordados, na primeira aula, o que demonstra um interesse e atenção à disciplina. No início, os discentes eram um pouco irrequietos devido à hora, mas a estratégia utilizada de mostrar um ou outro pequeno vídeo, funcionou.

Uma atividade que os alunos gostaram de fazer foi o de corrigir as repostas escritas dos colegas através da troca de fichas. Esta dinâmica tornou os alunos mais participativos e empenhados pois tiveram uma melhor perceção de como tinham respondido à pergunta.

Um dos aspetos não tão bem conseguidos foi, em algumas aulas, o facto de alguns vídeos serem um pouco extensos onde, porventura, os alunos perdiam um pouco da atenção àquilo que se queria mostrar e o conhecimento a adquirir.

Tentei, ao longo da lecionação, manter com os alunos uma atitude de respeito e de confiança, valorizando as suas opiniões. Procurei estabelecer uma troca de saberes entre professor e aluno. Todo o meu trabalho teve uma forte dedicação.

Num momento de avaliação, como este, se tudo correu como planeado, deveu-se ao incentivo da colega do Núcleo de Estágio do Agrupamento, assim como à tão preciosa e sempre disponível participação e colaboração da minha orientadora.

CONCLUSÃO

No término deste percurso, que partiu de uma ânsia de partilha e se fez realidade na construção deste Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, e que o ponto alto foi a partilha de conhecimentos com a turma do 6º ano do Agrupamento de Celeirós, permitam que fale na primeira pessoa do singular. Permitam-me que partilhe o que refleti, aprendi, vivi e conheci.

Deixando um pouco o estilo académico, desejo entrar em contacto com o “coração” do leitor, para lhe contar um pouco da minha história. Após ter estudado teologia em meados dos anos 90, andei vários anos na “distribuição de um bem alimentar”. Após conversa com uma amiga, cheguei à conclusão que tinha alguma coisa mais que podia partilhar e adquirir. Esta inquietação começou a agitar-se e deu origem a que me licenciasse em Ciências Religiosas e reparei que o Mestrado, prestes a terminar, é vital para a lecionação na disciplina de EMRC.

Os últimos anos na distribuição de alimentos, principalmente o pão, foi o mote para a elaboração deste Relatório.

Na sociedade atual é importante inculcar nos alunos a importância da partilha. Percebe-se que ao longo dos tempos esta palavra vai perdendo cada vez mais significado. As pessoas são mais egoístas, esquecendo-se de quem vive ao seu lado. Lembra-se de partilhar aquando de grandes catástrofes é com pessoas distantes, esquecendo-se, muitas vezes, do seu *próximo*.

A partilha não é só substâncias materiais. Posso e devo partilhar o meu tempo, a minha sabedoria. Foi esta sabedoria que foi partilhada no primeiro capítulo com uma senhora que nos contou o processo do fabrico do pão. Pão que alimenta a sua família e aquelas pessoas vizinhas como forma de “agradecimento” do trabalho colaborativo nos trabalhos agrícolas.

Jesus Cristo partilhou os ensinamentos ao anunciar a Mensagem do Pai. Partilhou a Sua vida, conviveu, alimentou os que ouviam a doutrina e os seguiam. Jesus dá-nos uma tarefa; um compromisso muito sério no caminho da nossa santidade cristã: aquilo que temos não devemos guardar, mas repartir, temos que nos pôr em ação, pois na caridade e abundância, o que partilho é sempre muito grande. Não conta a quantidade, mas a conta

o amor colocado nessa partilha. Repartindo o “pão” de cada dia, não nos torna mais pobres, mas mais felizes.

As pessoas que viveram com Ele puderam vê-Lo, tocá-Lo. Nós, atualmente, podemos comungá-Lo e guardá-Lo no coração se estivermos preparados para O receber e dizer como disse S. Francisco, pastorinho de Fátima, na véspera da sua morte: “Hoje sou mais feliz que tu, porque tenho dentro do meu peito a Jesus escondido”¹⁶⁵. Esta oferta/recebimento tem que ser partilhado ao longo da vida, assim como a interiorização da Sua Palavra que é transformadora e alimento que mata a nossa fome e sacia as nossas necessidades.

Ao longo deste trabalho deparámo-nos que as pessoas andam atarefas e têm pouco tempo para partilhar. O docente tem um papel importante nesta capacitação. A partilha não é só momentânea, mas deve estar para toda a vida. A escola deverá criar espaços onde toda a comunidade educativa tenha um ambiente fraterno afim dos discentes colocarem em prática o adquirido.

Após este itinerário, fica-me o desejo de continuar. Aquando da pesquisa, pude constatar que não existem muitos trabalhos que explorem a partilha, em contexto escolar. Nesse aspeto, este Relatório poderá ser um ponto de partida para uma futura investigação.

Na vida todos somos necessários e temos um lugar para o outro. Partilho com o leitor um texto de D. José Tolentino Mendonça sobre o sentido de vida, comparada com o do pão, enquanto partilha:

“Todas as vidas cabem na imagem quotidiana do pão que se parte e reparte. As vidas são coisas semeadas, crescidas, maturadas, ceifadas, trituradas, amassadas: são como pão. Não apenas degustamos e consumimos o mundo: dentro de nós vamos percebendo que o tempo também nos consome, nos gasta, nos devora. Somos uma massa que se quebra, uma espessura que diminui.

A questão é saber com que sentido e intensidade vivemos este tráfico inevitável. Todos nos gastamos, certo. Mas em que comércio? Todos sentimos que a vida se parte. Mas como tornar esse facto trágico numa afirmação fecunda e plena da própria vida?

¹⁶⁵ Luís Kondor, *Memória da Irmã Lúcia I*, (Fátima: ed. Fundação Francisco e Jacinta Marto, 2015), 162.

Por isso espantam as palavras de Jesus. Ele pegou no pão e disse: *‘Tomem e comam, pois este pão é o meu corpo entregue por vós’*. A Eucaristia, por vezes repetida como mero culto ou rotineiro signo de pertença sociológica, é, na verdade, o lugar vital da decisão sobre o que fazer da vida. Todas as vidas são pão, mas nem todas são Eucaristia, isto é, oferta radical de si, entrega, doação, serviço. Todas as vidas chegam ao fim, mas nem todas vão até ao fim no parto dessa utopia (humana e divina) que trazem inscrita”¹⁶⁶.

¹⁶⁶ José Tolentino Mendonça, *Que sentido tem a Páscoa?*, consultado em 15 de abril, 2020, https://diocesestp.com/2020/04/09/que-sentido-tem-a-pascoa/?fbclid=IwAR2HML6h5RyCgYIHx5PEjhiuei90F3lfQjgbuht8wtXDSNvYq_0XcDPZZFs.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada. Lisboa: ed. Difusora Bíblica, 1994.

1. Magistério da Igreja

Bento XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal “Sacramentum Caritatis” sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e missão da Igreja* (22 de fevereiro de 2007). Prior Velho: ed. Paulinas, 2007.

Bento XVI. *Jesus de Nazaré. Parte II – Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*. Cascais, ed. Princípia, 2011.

Bento XVI. *Quaresma e Páscoa*. Lisboa: ed. Paulus, 2013.

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: ed. Gráfica de Coimbra, 1999.

Código do Direito Canónico. Braga: ed. Apostolado da Oração, 1983.

Concílio Ecuménico Vaticano II. “Constituição Conciliar ‘Sacrosanctum Concilium’ sobre a Sagrada Liturgia, (4 de dezembro de 1963).” Braga: ed. Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1967.

Concílio Ecuménico Vaticano II. “Decreto ‘Ad Gentes’ sobre a atividade missionária da Igreja (7 de dezembro de 1965).” Braga: ed. Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1967.

Concílio Ecuménico Vaticano II. “Decreto ‘Gaudium et Spes’ sobre a Igreja no mundo actual (7 de dezembro de 1965).” Braga: ed. Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1967.

Congregação para o Clero. *O Presbítero. Mestre da Palavra, Ministro dos Sacramentos e guia da comunidade, em vista do terceiro milénio*. Lisboa: ed. Paulinas, 1999.

Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. “Instrução ‘Redemptionis Sacramentum’, sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia (25 de março de 2004).” Consultado em 31 de maio de 2019,

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20040423_redemptionis-sacramentum_po.html.

Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Ano da Eucaristia. Sugestões e Propostas*. Prior Velho: ed. Paulinas, 2004.

Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. *Economia ao serviço do carisma e da missão. Bons administradores da multiforme graça de Deus (1Pe 4,10)*. Prior Velho: ed. Paulinas, 2018.

Francisco. “Audiência Geral” (3 de janeiro de 2018). Consultado em 28 de maio de 2019, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180103_udienza-generale.html.

Francisco. “Audiência Geral” (31 de janeiro de 2018). Consultado em 28 de maio de 2019, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180131_udienza-generale.html.

Francisco. “Audiência Geral” (7 de fevereiro de 2018). Consultado em 7 de junho, 2019, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180207_udienza-generale.html.

Francisco. “Audiência Geral sobre as Catequeses do Pai nosso – 11- ‘O pão nosso de cada dia nos dai hoje’ (27 de março, 2019). Consultado em 2 de junho, 2019, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2019/documents/papa-francesco_20190327_udienza-generale.html.

Francisco. *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual* (24 de novembro de 2013). Prior Velho: ed. Paulinas, 2013.

Francisco. *Exortação Apostólica “Gaudete et exultate” sobre a chamada à Santidade do mundo actual* (19 de março de 2018). Prior Velho: ed. Paulinas, 2018.

Francisco. *O Evangelho da nova vida. Um apelo à renovação da Igreja*. Amadora: ed. Nascente, 2015.

João Paulo II. “Homilia do Papa João Paulo II: Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo” (14 de junho de 2001).” Consultado em 25 de junho, 2019, https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20010614_corpus-domini.html.

João Paulo II. *Carta Apostólica “Dies Domini” sobre a santificação do Domingo* (31 de maio de 1998). Lisboa: ed. Paulinas, 1998.

João Paulo II. *Carta Encíclica “Ecclesia de Eucharistia” sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja* (17 de abril de 2003). Braga: ed. Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2003.

João Paulo II. *Exortação Apostólica pós-sinodal “Pastores dabo vobis” sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias actuais* (25 de março de 1992). Lisboa: ed. Rei dos Livros, 1992.

Paulo VI. *Carta Encíclica “Mysterium Fidei” sobre o culto da Sagrada Eucaristia* (3 de setembro de 1965). Lisboa: ed. União Gráfica, 1967.

Urbano IV. “Bula ‘Hoc Mundo Transitus’ (Instituição da Festa do Corpo de Cristo) (11 de agosto de 1264).” Consultado em 26 de junho, 2019, <https://w2.vatican.va/content/urbanus-iv/es/documents/bulla-transitus-de-mundo-11-aug-1264.html>.

2. Legislação

Direção-Geral da Educação, “Educação para o Voluntariado”. Consultado em 30 de agosto, 2019, <https://www.dge.mec.pt/educacao-para-o-voluntariado>.

3. Bibliografia geral

“A Lenda da Rainha Santa Isabel”. Consultado em 4 de fevereiro, 2019, <https://www.youtube.com/watch?v=TPPVW8bVDTs>.

“Ajudar o próximo”. Consultado em 9 de fevereiro, 2019, <https://www.youtube.com/watch?v=6bi-jGwYWNk>.

“As aparências enganam – Jafar”. Consultado em 9 de fevereiro, 2019, <https://www.youtube.com/watch?v=VQIOJa2Pwlo>.

“Cáritas Portuguesa. Uma Família Humana”. Consultado em 22 de fevereiro, 2019, <https://www.youtube.com/watch?v=VMJIBxGZFP4&feature=youtu>.

“Conheça história de Madre Teresa de Calcutá”. Consultado em 15 de fevereiro, 2019, <https://www.youtube.com/watch?v=ZGCQyeAZo5I>.

“Filme Institucional Banco Alimentar. História”. Consultado em 23 de fevereiro, 2019, https://www.youtube.com/watch?v=Vd3H4q_D6XA.

“Refood Braga 100% - não sabes como funciona?” Consultado em 22 de fevereiro, 2019, <https://www.youtube.com/watch?v=z-dC8RuL8G8>.

AA.VV. *Filosofia Popular – Provérbios*. Mem Martins: ed. Livros da Vida, 2002.

Agrupamento de Escolas de Celeirós, “Construir o Futuro: Projeto Educativo 2018/2021”. Consultado em 01 de Maio, 2019, <https://www.aeceiros.pt/index.php/instituicao/documentos-orientadores/431-documentos-orientadores-2018-2021>.

Aldazábal, José. “Sacrário”, in *Dicionário elementar de liturgia*. Consultado em 30 de junho, 2019, https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=387.

Aleteia. “Símbolo secreto cristão: por que o peixe?”. Consultado em 28 de março, 2019, <https://pt.aleteia.org/2017/03/27/simbolo-secreto-cristao-por-que-o-peixe/>.

Alves, Herculano. *Símbolos na Bíblia*. Fátima: ed. Difusora Bíblica, 2006.

Andrade, José Victorino de. “Será que podemos comungar em pecado mortal?”. Consultado em 28 de junho, 2019, https://aportesdaigreja.com/2018/11/05/sera-que-podemos-comungar-em-pecado-mortal/?fbclid=IwAR1oKRNOoIuLnsyk41utqjJ4K0pyS49ud7apDPddvfl_Qu1DbVDM62QEhBo#_ftn5.

Banco alimentar. Consultado em 4 de março, 2019, <https://www.bancoalimentar.pt/>.

Brás, Nuno. *Homilia do Bispo do Funchal, na Missa da Ceia do Senhor no dia 19 de Abril de 2019*. Consultado em 01 de maio, 2019, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/homilia-do-bispo-do-funchal-na-missa-da-ceia-do-senhor/>.

Carvalho, Cristina Sá (coord.). *Estou Contigo. Manual do Aluno – Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: ed. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

Carvalho, Joaquim Félix. “Sacramentalidade da fé e simbólica eucarística”, in *Theologica* 43 (2008): 65-102.

Carvalho, José Carlos. “Fontes Bíblicas da Eucaristia”, in *Theologica*, 43 (2008): 13-49.

Couto, António da Rocha. “Igreja e Eucaristia: um círculo aberto”, in *Theologica* 43 (2008): 103-120.

Cruz Vermelha Portuguesa. Consultado em 4 de março, 2019, <https://www.cruzvermelha.pt/>.

Diana, Daniela. *Deus Dionísio*. Consultado em 12 de julho, 2019, <https://www.todamateria.com.br/deus-dionisio/>.

Dicionário Priberam. Consultado em 23 de fevereiro, 2019, <https://dicionario.priberam.org/mangual>.

Escola Preparatória de Ponte de Lima. *Da boca do Povo*. Ponte de Lima: ed. Escola Preparatória de Ponte de Lima, 1986.

Ferreira, José de Freitas. “O Sacramento da Eucaristia” in *Didaskalia* 27 (1997): 5-52.

Fundação Fé e Cooperação. “Ser Voluntário”, in Cristina Sá Carvalho (coord.). *Estou Contigo. Manual do Aluno – Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: ed. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015: 108.

Jacob, Heinrich Eduard. *6000 anos de pão*. Lisboa: ed. Antígona, 2003.

Johnny & Orquestra Rodrigues. “Numa casa portuguesa fica bem, pão e vinho sobre a mesa”. Consultado em 20 maio, 2019, <https://www.youtube.com/watch?v=Ca-LE5OINNA>.

Kondor, Luís. *Memória da Irmã Lúcia I*. Fátima: ed. Fundação Francisco e Jacinta Marto, 2015.

Lello Escolar. *Novo Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. Porto: Lello & Irmão ed., 1980.

Lima, Junior, Joliano de. *A Eucaristia que celebramos*. Lisboa: ed. Paulistas, 1982.

Lomonaco, Amedeo e Silvonei José. “A Oração de Santo Afonso Maria de Liguori para a Comunhão espiritual”. Consultado em 10 de abril, 2020, <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-04/a-oraco-de-santo-afonso-maria-de-liguori-para-a-comunhao.html>.

Martins, Guilherme d'Oliveira Martins (coord.). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: ed. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017.

Martins, José Saraiva. *Eucaristia*. Lisboa: ed. Universidade Católica, 2002.

Marto, António. *Eucaristia e Beleza de Deus*. Viseu: ed. Fundação Jornal da Beira, 2005.

Mendonça, José Tolentino. “Que sentido tem a Páscoa?”. Consultado em 15 de abril, 2020, https://diocesestp.com/2020/04/09/que-sentido-tem-a-pascoa/?fbclid=IwAR2HML6h5RyCgYIHx5PEjhiuei90F3lfQjgbuht8wtXDSNvYq_0XcDPZZFs.

Monteiro, Geraldo. “O Pão dos Pobres de Santo António - Igreja de Santo António de Lisboa à Sé”. Consultado em 1 de março, 2019, <http://fratersantoantoniodelisboa.blogspot.com/2012/02/o-pao-dos-pobres-de-santo-antonio.html>.

Neves, João César das. *A economia de Deus*. Grifo: ed. S. João do Estoril, 2001.

Neves, Joaquim Carreira das. “A Eucaristia no contexto do mistério pascal de Jesus”, in *Theologica*, 34 (1999): 293-315.

Of Portugal. “Pão Por Deus – A História de uma tradição bem Portuguesa”. Consultado em 1 de março, 2019, <https://www.ofportugal.com/pao-deus-historia-tradicao-bem-portuguesa/>.

Ortiga, Jorge. “Eucaristia, pão partilhado para a esperança do mundo”. Consultado em 15 de agosto, 2020, <http://www.diocese-braga.pt/noticia/1/1965>.

Paroquias. “Orações”. Consultado em 1 de março, 2019, <http://www.paroquias.org/oracoes/?o=169>.

Ratzinger, Joseph. *A caminho de Jesus Cristo*. Coimbra, ed. Tenacitas, 2006.

Re-food. Consultado em 5 de março, 2019, <https://www.re-food.org/pt>.

Ricardo, “0304 Reina - O Milho Rei”. Consultado em 23 de fevereiro, 2019, <https://www.flickr.com/photos/25347364@N06/3156728201>.

Rodrigues, Luís Miguel Figueiredo. “A Educação Cristã na Web. Uma reflexão teológico-prática”, in *Revista Eclesiástica Brasileira*, 76 (2016): 875 – 889.

Sampaio, Gonçalo. *Cancioneiro minhoto*. Porto: Livraria Educação Nacional, 1944.

Santos, Nunes dos. *Provérbios do Mundo*. Porto: ed. Menabel, s.d.

Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.

Secretariado Nacional da Liturgia. “Instrução Geral do Missal Romano”. Consultado em 12 de junho, 2019, https://www.liturgia.pt/docs/igmr_index.php.

Silva, Helena Maria Quintão Duarte e José Luís Quintão. *Dicionário de Provérbios. Alemão. Francês. Inglês. Português*. Lisboa: ed. Escher, 1990.

ANEXOS



Planificação de Aula

Unidade Letiva 3: “A Partilha do Pão”

Aula n.º 1/7 (**Lição nº 12**)

Ano: 6º | Turma: C

Data: 13/02/2019

Tempo previsto: 50 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Introdução à Unidade Letiva. A alimentação nos dias de hoje.			Acolhimento; Registo do sumário;	Quadro e caneta Caderno diário	5 min	Assiduidade e pontualidade
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	- Descobrir a dimensão simbólica da refeição	. A alimentação - A refeição - A refeição como festa e experiência do encontro	1) Motivação: O professor começará por se apresentar à turma e fazer uma breve contextualização da unidade letiva 3: “A Partilha do Pão.	Quadro Marcador Caderno diário	10 min	- Observação direta; - Respeito pelo grupo;
			2) Desenvolvimento: O professor projetará uns traços na horizontal e pedirá a um aluno que tente descobrir os provérbios que aí estarão subjacentes. No final, projetará a correção e pedirá que se transcrevam para o caderno, explicando o significado de provérbios. De seguida o professor mostrará no quadro interativo algumas referências a pratos típicos portugueses, salientando que, muitas vezes, os grandes negócios são feitos à mesa, pedindo aos alunos se têm conhecimento de alguns. O professor focará também o aspeto que a alimentação sempre esteve presente em todos os povos, inclusive em santos portugueses, referindo o caso das “Lendas das Rosas” da rainha Santa Isabel, mostrando esta história através de um vídeo.		Computador PowerPoint Projetor Caderno diário Marcador	15 min
			2) Síntese – o professor fará uma breve síntese dos conhecimentos adquiridos.	Computador Projetor Vídeo	15 min	- Cumprimento das regras básicas da sala de aula; - Participação pertinente e oportuna
					5 min	

Tabela 1 – Grelha de planificação da aula 1



Planificação de Aula

Unidade Letiva 3: “A Partilha do Pão”
Aula n.º 2/7 (Lição n.º 13)

Ano: 6º | Turma: C

Data: 20/02/2019

Tempo previsto: 50 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento;	Computador e Projetor	10 min	Assiduidade e pontualidade
SUMÁRIO: O pão e o seu processo.			Registo do sumário;	Caderno diário e caneta		
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	- Descobrir a dimensão simbólica da refeição.	- O ritual da preparação da refeição e a sua experiência cultural	1) Motivação: O professor começará por pedir aos alunos que tentem recordar os assuntos tratados na aula na anterior. 2) Desenvolvimento: De seguida o docente mostrará um PowerPoint com todo o processo do pão desde a sementeira até às nossas casas. Os alunos escreverão no caderno os principais passos na elaboração do pão. 3) Síntese – o professor pedirá a um aluno que faça uma breve síntese dos conhecimentos adquiridos.	Computador Projetor Caderno diário Colunas	10 min	- Observação direta;
	- Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição de bens	- A produção e comércio de alimentos			25 min	- Respeito pelo grupo; - Realização das tarefas propostas; - Atenção e concentração;
					5 min	- Interesse / Motivação; - Cumprimento das regras básicas da sala de aula; - Participação pertinente e oportuna

Tabela 2 – Grelha de planificação da aula 2



Planificação de Aula

Unidade Letiva 3: “A Partilha do Pão”
Aula n.º 3/7 (Lição n.º 14)

Ano: 6º | Turma: C

Data: 27/02/2019

Tempo previsto: 50 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento; Registo do sumário;	Quadro e caneta Caderno diário	10 min	Assiduidade e pontualidade
SUMÁRIO: As refeições de Jesus. O simbolismo de alguns alimentos na Bíblia. A Última Ceia e o Lava Pés.						
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	- Descobrir a dimensão simbólica da refeição	- O significado simbólico - religioso do alimento e da refeição . Pão, vinho, azeite, água, cordeiro. A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor . O Lava-pés, sinal do serviço de Jesus por amor	1) Motivação: O professor começará por pedir aos alunos que tentem recordar os assuntos tratados na aula na anterior. 2) Desenvolvimento: De seguida o professor perguntará aos alunos se conhece algumas das refeições de Jesus. As respostas serão registadas no quadro por um aluno. Mais tarde, o docente mostrará algumas imagens de Jesus onde celebrava as refeições e a partilha dos seus ensinamentos. Após isto, o professor mostrará a passagem bíblica do Lava Pés pedindo a três alunos para lerem o texto de forma dialogada.	Quadro Caneta Caderno Computador PowerPoint Projetor	5 min	- Observação direta;
					10 min	- Respeito pelo grupo;
J. Descobrir a simbologia cristã	- Reconhecer nos relatos da Última Ceia o seu significado essencial para a mensagem cristã		3) Síntese – o professor entregará um papel com o resumo do significado simbólico-religioso do alimento e refeição na bíblia e pedirá aos alunos que colem no caderno.	Papel Caderno Cola	10 min	- Atenção e concentração;
					10 min	- Interesse / Motivação;
					5 min	- Cumprimento das tarefas propostas;
						- Cumprimento das regras básicas da sala de aula;
						- Participação pertinente e oportuna;

Tabela 3 – Grelha de planificação da aula 3



Planificação de Aula

Unidade Letiva 3: “A Partilha do Pão”
Aula n.º 4/7 (Lição nº 15)

Ano: 6º | Turma: C
Data: 13/03/2019
Tempo previsto: 50 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento; Registo do sumário;	Quadro e caneta Caderno diário	10 min	Assiduidade e pontualidade
SUMÁRIO: Solidariedade e voluntariado, A vida em comum dos primeiros cristãos.						
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	- Reconhecer o valor da solidariedade.	. Solidariedade e voluntariado . Fraternalidade, amor partilhado . A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos.	1) Motivação: O professor começará por pedir aos alunos que tentem reviver os assuntos tratados na aula na anterior. 2) Desenvolvimento: De seguida o professor pedirá aos alunos o que significam para eles ser solidário e ser voluntário. O professor solicitará aos alunos que abram o manual na página 108 e um aluno lerá o texto sobre “Ser voluntário” e perguntará se conhecem alguém que seja voluntário. No final, resolverão a atividade na página 109. A correção será feita pelo colega do lado. Depois pedirá a um aluno que leiam a passagem At 2,42-47 e perguntará quais eram as principais características dos primeiros cristãos e explicará cada uma deles (união fraterna, fração do pão e orações). 3) Síntese Ao terminar a aula o professor o mostrará um pequeno filme sobre a solidariedade e lançará um desafio para eles serem solidários durante a semana com alguém.	Quadro Caneta Manual Lápis Computador Projetor Papel Esferográfica Colunas Papel Esferográfica	10 min 15 min 10 min 5 min	- Observação direta; - Respeito pelo grupo; - Realização das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse / Motivação; - Cumprimento das regras básicas da sala de aula; - Participação pertinente e oportuna

Tabela 4 – Grelha de planificação da aula 4



Planificação de Aula

Unidade Letiva 3: “A Partilha do Pão”
Aula n.º 5/7 (Lição nº 16)

Ano: 6º | Turma: C
Data: 20/03/2019
Tempo previsto: 50 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento; Registo do sumário;	Quadro e caneta Caderno diário	10 min	Assiduidade e pontualidade
J. Descobrir simbologia cristã	- Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si	. Ser pão para os outros: - a doação de si mesmo - o amor partilhado com os mais necessitados . A diversidade de carismas no serviço	1) Motivação: O professor começará por pedir aos alunos quais foram as atitudes de solidariedade que tiveram durante a semana. 2) Desenvolvimento: De seguida o docente mostrará a imagem de Madre Teresa de Calcutá e perguntará aos alunos se porventura conhecem a pessoa que está no quadro. Será visualizado um pequeno filme sobre a sua história. Será também mostrado a imagem do Papa Francisco e perguntado se o conhecem. Posteriormente, o docente projetará no quadro um “jogo do tabuleiro” sobre o Papa Francisco e os alunos divididos em grupo lançarão um dado. No final da aula, o docente entregará a cada aluno uma lembrança do dia do Pai, mesmo já tendo passado o dia.	Computador Projetor Computador Projetor Dado Marcador Quadro Porta-chaves	5 min 7 min 25 min 3 min	- Observação direta; - Respeito pelo grupo; - Realização das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse / Motivação; - Cumprimento das regras básicas da sala de aula; - Participação pertinente e oportuna

Tabela 5 – Grelha de planificação da aula 5



Planificação de Aula

Unidade Letiva 3: “A Partilha do Pão”
Aula n.º 6/7 (Lição nº 17)

Ano: 6º | Turma: C
Data: 27/02/2019
Tempo previsto: 50 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento; Registo do sumário;	Quadro e caneta Caderno diário	10 min	Assiduidade e pontualidade
SUMÁRIO: O problema da fome. Instituições de solidariedade. As nossas atitudes.						
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo N. Promover o bem comum e o cuidado do outro	Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição de bens. - Reconhecer o valor da solidariedade	- A fome e a subnutrição . A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.	1)Consolidação dos conteúdos da aula anterior: Pelo diálogo é elaborada uma síntese dos conteúdos abordados na aula anterior. 2)Desenvolvimento: a) De seguida o professor perguntará aos alunos se se recordam de algum provérbio sobre a alimentação e mostrará um PowerPoint sobre a abundância de alimentos. b) Mostrar-se-á duas imagens de pessoas com fome e será pedido que respondam à pergunta. “porque é que morrem tantas pessoas à fome?”. c) O professor questiona os alunos sobre as causas que levam a existência da fome. Mostrará dois slides sobre as causas e perguntará se conhecem outras. d) Serão mostrados alguns slides e visualizados vídeos referentes a cada instituição: Banco Alimentar Contra a Fome, Cáritas, Refood.	Diálogo Computador PowerPoint Projetor Quadro Caneta Colunas Vídeo	5 min 25 min	Observação direta; Respeito pelo grupo; Atenção e concentração; Interesse / Motivação; Cumprimento das regras básicas da sala de aula; Participação pertinente e oportuna;
	- Identificar instituições nacionais e vocacionadas para a eliminação da fome - Valorizar a atitude do voluntariado.	. Solidariedade e voluntariado . Bancos Alimentares Contra a Fome; . Cáritas . Refood	Conclusão: De seguida colocará a questão “O que vou fazer para minimizar este problema?”. Os alunos copiarão a pergunta para o caderno diário assim como algumas conclusões.	Caneta Caderno	10 min	Cumprimento das tarefas propostas.

Tabela 6 – Grelha de planificação da aula 6